



# A SOCIAL

REVISTA QUINZENAL D'ESTUDOS SOCIAES

SUMMARIO

A Social—A Redacção.

PARTE SCIENTIFICA—Secção doutrinaria—A theoria genealogica do homem e a Sciencia Social—Costa Ferreira. A questão social—Costa Cabral. A instrucção e a politica—Carlos Borges. Consultas—A Redacção. Pathologia social—Praias e thermas—Heráclito Fernandes. Critica—Silva Mendes e Ferreira Lemos—Luiz Duarte. Politica externa—Um diplomata.

## «A Social»

Não vamos traçar um programma, o nome que demos a esta revista é o bastante para indicar o caminho que de nós para nós mesmos traçamos; vamos apenas dizer quem somos, d'onde vimos e para onde vamos.

Novos, crentes que o futuro trará melhores dias a esta depauperada raça latina, sem vida, quasi sem sangue, e, entrechocada por mil revezes, tomamos sobre nossos hombros a ardua missão de, por o caminho da justiça e do bem, levarmos, quanto em nossas forças caiba, o pão do espirito aos que d'elle são pobres, o gladio augusto da justiça social aos opprimidos, fazermos chegar ás mãos d'aquelles que, em esfrangalhadas esteiras, levam uma vida de dôr, de miseria e talvez de infamia, a luz da razão, o echo dos seus direitos.

Aos ricos e poderosos levaremos as nossas preces, implorando pão, agasalho, amor e fraternidade; para os pobres e que nada valem, seremos mensageiros do progresso, da luz e da civilisação; não lhes diremos:—façam fogo!,—dir-lhes-hemos:—peçam paz!

Vindos de diversos cantos do paiz, reunidos hoje sob o mesmo tecto, bebendo a mesma luz do olhar esgazeado e convulso do pobre, e trilhando as mesmas tapeçarias da nobreza, ebria de haveres, aqui

estamos; novos, sem valor talvez, animados d'uma confiança sem limites, prégando o evangelho do Christo, respeitando Cezar, e, reclamando em favor de Job, não atacando homens, por todos pedindo, dizendo áquelle:—sê justo!—e a este:—sê prudente!;—somos os pregoeiros do progresso, os mensageiros da civilisação.

Vindos da humilde cabana, do escalvado das serranias, e do nobre solar brasonado, das grandes cidades, aqui vamos caminhando sempre no trilho da honra, no caminho da verdade, para a perfeição social.

Somos novos, vimos de toda a parte e vamos para a lareira do pobre e para os vastos salões dos grandes senhores; que fazer, já o dissémos. Estamos apresentados.

A *Social* não é producto hybridado de diversos ideaes politicos, miscellanea confusa de muitos modos de pensar; é o logar em que o maior reaccionario, o conservador puro sangue, o republicano opportunista, o radical pedindo polvora, o socialista impetrando justiça, e, o anarchista reclamando-a em nome da sociedade, teem logar para fazer as suas reclamações; a todos, é permittido erguer a voz em favor d'um principio, d'uma eschola, d'um governo, com a condição unica de o fazerem de luva branca e baseando-se em factos e theorias que tenham um cunho scientifico.

A *Social* não apparece como capricho nosso, lembrança de momento, publicada precipitadamente, sem origem, filha espuria de rapazes que trepidem ao dizer-se-lhes que foram elles quem a fizeram ver a luz do dia; é uma necessidade urgente, ideia por nós amadurecida, publicação muito pensada, com principio nas desgraças sociaes, nos males que nos acorrentam, e, perfilhada por nós, que não seremos capazes de tomar sobre nossos hombros missão tão honrosa, que esperamos que outros se levantem, mais illustrados, mais positivos e mais conhecedores, para que nós lhes cedamos o campo e lhes digamos:

—Bem vindos sejaes!

Antes de lhe darmos o nome de *A Social* pensamos immenso; uns disiam-nos que, com este termo, davamos a entender que a nossa revista defende as ideias socialistas; diziam outros que, dando-lhe um character mera e simplesmente scientifico, afugentavamos os assignantes.

A *A Social* não tem politica; S. M. El-Rei o Sr. D. Miguel II e os seus proselytos podem ter aqui um paladino, logo que se coadunem

com os interesses da sociedade; damos-lhes ampla liberdade de discussão, e, assim, fazem propaganda dos seus ideaes politicos; S. M. El-Rei o Sr. D. Carlos I tem entre nós uns defensores a tudo prompts, attentos e diligentes, se nos convencer que segue um rumo racional e util á sua, e tambem nossa, Patria.

Sua Excellencia o Presidente da Republica Portugueza póde contar comnosco; não bastando programmas para nos convencerem, é preciso que a pratica corresponda ás suas theorias. Os socialistas, Kropotkine, Bakounine, Réclus, Thompson, Stirner, etc., mandam-nos, apenas nos provem que, postos os seus ideaes em pratica, elles nos levarão, por caminho seguro, á felicidade humana.

Aqui, no extremo occidente da Europa, recostado sobre o mar, adormecido nos braços das glorias passadas, jaz um Povo que foi grande, uma Patria que gerou grandes homens, que, pequeno em si, fez tremer sceptros, abalar thronos, curvar tiaras; hoje, bebendo a ambrosia do olhar das andaluzas, sorri-se para os heroes d' Africa, apertando as algibeiras, e offerece-lhes uma taça de Porto, para os deixar amanhã morrer de fome no recanto d'uma rua.

O egoismo empolgou audaz e horrivel este Povo, cravou-lhe no peito a garra adunca do interesse pessoal e disse-lhes:

—“A caridade bem ordenada por nós é começada!,”

Horrivel, medonho e triste espectaculo está dando esta raça latina ao mundo; a Hespanha, negando o direito de vida, de existencia, de liberdade e independencia a um Povo, cioso dos seus direitos e prerogativas, commette uma das mais vis infamias, mandando envenenar um homem para sustentar um throno, conservar uma familia e sustentar os caprichos d'uma parte da Nação; Portugal... parece ruir já no despenhadeiro formidavel do desaparecimento dos povos, fructo da somnolencia em que nos encontramos, da ignorancia em que nos vimos.

Como grito de protesto contra essa somnolencia, contra essa ignorancia, ahi está — **A Social.**

Quanto á segunda duvida, a Litteratura é tambem uma parte da alma da nação e ahi lhes offerecemos uma secção litteraria.

Como adeptos da Paz, da Justiça e do Amor, como pregoeiros do progresso e mensageiros da civilisação, não podemos deixar de clamar por essa Justiça, que hoje se põe de parte, calcando-a; fazendo da vontade lei e do facciosismo criterio.

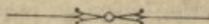
Prégamos a Paz; esta Revista tem uma secção dedicada á sua defeza; no emtanto se temos em uma das mãos o ramo d'oliveira, temos na outra a balança da Justiça, cujo fiel é o Amor.

Em nome da Paz, respeitamos Cezar, se elle não abrir brechas, não provocar attritos; em nome da Justiça, somos echo dos opprimidos; em nome do Amor pedimos a estes prudencia, áquelles bom senso e Fraternidade.

Como pregoeiros do progresso, caminhamos na sua senda intellectual e organicamente; como mensageiros da civilisação, erguemos bem alto o lemma de 1789:—Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

O nosso programma, como já dissémos, encerra-se em poucas palavras:—Liberdade e Honra, Igualdade e Justiça, Fraternidade e Amor.

A REDACÇÃO.



## Secção doutrinaria

### A theoria genealogica do homem e a Sciencia Social

“Em comparação com os nossos extraordinarios progressos nas sciencias physicas e suas applicações praticas, os nossos systemas de governo, de justiça administrativa, d'educação nacional, toda a nossa organização social e moral estão no estado de selvajeria,, diz, senão me engano, Alfred Russel Wallace no seu livro *The Malay Archipelago*.

E assim é. Na sociedade que mais se preza de civilisada, não encontraremos senão uma civilisação muito rudimentar, uma educação toda hypocrisia, um ensino mal estabelecido e incompleto, e, por toda a parte palavras e actos de convenção, mentiras e mais mentiras.

Acabem com as cadeias e a justiça e o homem será uma fera, diz Arthur Schopenhauer. E assim é. Tirado a qualquer d'essas sociedades, ditas as mais adiantadas, o verniz exterior da civilisação que a cobre, tirada a justiça e as cadeias que a amordaçam e dominam, teremos, talvez se possa dizer, uma horda de barbaros.

O homem, tal como o vemos, não é um homem, é um aborto. Contrariando as leis da natureza e a sua acção evolutiva, unica fonte natural do progresso, do caminho, do aperfeiçoamento, do ideal, trazendo o homem acorrentado pelo medo d'um castigo e arrastado por uma esperança vã, tal é pouco mais ou menos o systema geral que domina quasi todas as organizações sociaes até aqui postas em pratica. Em vão se tentam novas organizações e em vão se tentará, não, formular novas e melhores, mas experimental-as e pôl-as em pratica.

Deixar o homem viver assim é fazer d'elle um *degenerado*, producto exquisito, de rachitismo physico e animico, sem nenhuma energia moral, incapaz ou pelo menos pouco capaz de sobreviver ás condições viciadas, a que errados systemas o tem trazido, ou então, dar origem a uma reacção declarada e poderosa, traduzida por um desespero de hallucinado ou por convulsões inconscientes d'um epileptico, manifestações que podem sem duvida, e fatalmente originar uma destruição. E' esta a lei que regula todas as contrariações do desenvolvimento progressivo de tudo que é sujeito de origem e de facto á Natureza.

Procura-se e estuda-se o melhor modo de viver do homem, procura-se dar-lhe um grau de felicidade que em vão se tem buscado, mas fecham-se os olhos ao estudo do homem, da sua origem e das condições da sua vida natural, estudo mais que nenhum proveitoso, e não se vê a impossibilidade de realisar um "estado verdadeiramente humano," para um individuo que não é um homem e que de dia para dia surge com as mais desencontradas exigencias e atravessa crises de degenerescencia as mais diversas e extraordinarias.

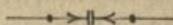
E' preciso tomar uma nova orientação.

E' preciso collocar o homem no caminho de que foi afastado e subjeital-o "sinceramente á Natureza e suas leis," como diz Haeckel. E para que isto seja possivel, é necessario que o homem conheça e comprehenda o seu verdadeiro "logar na Natureza,". E' esta a explicação da necessidade que tem a Sciencia Social de admittir a theoria genealogica do homem, unica que melhor lhe explica o que o homem é e deve ser e que d'elle lhe dá o mais completo conhecimento.

Conhecendo o homem a sua propria origem, e o lugar que deve occupar, adquirirá o pleno desenvolvimento da sua consciencia e como consequencia immediata adquirirá a maxima energia moral. Conhecendo-se melhor, adquirirá n'esse conhecimento meios para se me-

Ihorar moralmente e para regular o seu modo de viver com a ajuda da Natureza. Finalmente, terminarei dizendo com Fritz Ratzel: "O homem não se imaginará então fóra das leis naturaes; esforçar-se-ha, pelo contrario. em applicar estas leis ás suas acções e aos seus pensamentos e procurará regular a sua conducta conformemente ás leis da Natureza. Para organizar a sua vida social na familia e no Estado, submeter-se-ha, não a prescripções antiquadas, mas aos principios racionaes d'uma verdadeira sciencia. A politica, a moral, os principios do direito, que ainda hoje fluctuam ao accaso, serão em harmonia com as unicas leis naturaes. O estado verdadeiramente humano de que se falla ha tantos seculos, tornar-se-ha, emfim, uma realidade.,

COSTA FERREIRA.



## A QUESTÃO SOCIAL

### O Christianismo e a questão social

#### I

Existirá na realidade uma questão social?

Todos fallam na existencia d'uma questão social, a todos ella se apresenta como a primeira d'entre todas, como a maior das preoccupações particulares e publicas.

Qual Sphinge da fabula, ella ahi se dirige improvida para nós, sem tremer e denodada, como senhora, como um grito de revolta dos opprimidos contra a oppressão terrivel e tyrannica da classe oppressora; como essa Sphinge, ella tenta devorar-nos, porque a não sabemos comprehender, nem resolver o enygma que ella nos apresenta.

Esta solução que ella nos pede, que ella torna necessaria, que os seculos lhe não teem podido dar, que ella reclama imperiosamente, urge lhe seja dada, para não vermos a nossa civilisação afundar-se, ao que parece, n'um formidavel cataclysmo e abysmar-se nas minas da anarchia.

E seja-me permittida uma pequena divagação, aliaz a proposito, por causa do livro do sr. Silva Mendes e da *critica* que lhe foi feita por um contemporaneo nosso.

O critico do "Socialismo libertario," conhece tanto as diversas formas do "Socialismo," como eu conheço o inferno, de ouvir fallar n'elle; mas, passemos adiante.

Não nos queremos metter a fazer a critica do livro do sr. Silva Mendes, já porque penna mais esclarecida que a nossa o está fazendo, ja porque motivos d'ordem particular nol-o vedam.

Nada ha de commum entre o *Socialismo Anarchista* e a *Anarchia Speculativa*; o *Socialismo Anarchista* foi por Rochefort reduzido a uma simplicidade tal que em dois artigos de lei anarchica se resumem:

"*Artigo primeiro: Não existe mais nada.*"

"*Artigo segundo: Todos estão encarregados da execução do presente decreto.*"

A *Anarchia Speculativa* é o governo que, n'um futuro mais ou menos prospero, nos restabelecerá, não pela dynamite, mas por uma forma evolutiva e natural; quando não sejam necessarias as prisões e os guardas, porque não haverá ladrões, porque os homens haverão alcançado um grau de perfeição tal que cada um será incapaz de, directa ou indirectamente, prejudicar outrem.

"Dir-nos-hão que olhamos o futuro por um prisma optimista. — Talvez. Mas a verdade é sempre um bem; e o que nós vemos no futuro, é a bondade intrinseca e fundamental do homem, resurgindo dos escombros da organização artificial d'uma sociedade, em que os sentimentos altruistas são escarnecidos e só impera o mais desenfreado egoismo."

E para isto só é necessario um principio = Toda a *solidariedade* para igual *sociabilidade*. = "O principio vital que a anima (a sociedade) — a grande lei da *solidariedade* humana, outr'ora meramente traduzida pelo reconhecimento do impulso instructivo para a *sociabilidade*, — dá-lhe uma cohesão natural, e, por isso, indestructivel. A' sciencia cumpre, não apenas registrar esse facto, mas promover o desenvolvimento da lei de solidariedade social, transpondo os abyssos que teem conservado os povos, as classes e os individuos n'uma separação e opposição forçadas, restabelecendo a paz, amortecendo successivamente as desigualdades, creando vinculos novos, fortalecendo os existentes, chamando á vida collectiva os que d'ella têm sido expulsos

e, emfim, recompondo, por uma forma evolutiva e serena, as ligações e as molas d'este edificio social, em cuja evolução regular tantos desvios structuraes têm sido produzidos.,<sup>(1)</sup>

Dizia-se ha um seculo—“A razão e a liberdade devem bastar a tudo.,” Rousseau disse: chegamos, pois, ao ponto “de ver apparecer no grande dia as verdades essenciaes á felicidade do genero humano.,”

E porque?

Porque, como diz Lefébure, “Emancipada d'uma muito longa tutella, formada pela sciencia, liberta da escravidão dos dogmas tristes e dos terrores supersticiosos, a razão caminhava só, d'ora avante, se ella guiasse o homem no cumprimento dos seus deveres, como o havia reenviado á posse dos seus direitos, acharia na liberdade o instrumento de todos os progressos.,”

Será isto o bastante?

Não; porque é necessaria, n'este caso, ainda, uma sancção penal; se um retardatario, não havendo esta sancção, se lembrasse de invocar a razão e a liberdade, seria immediatamente entoada a sua ingenuidade ao som chocarreiro das “velhas guitarras.,” Vem então o bombastico e horrivel termo “obligatorio.,” traduzindo a idea mais baixa que o genero humano pode conceber.

E os racionalisto-livre-arbitristas acceitam, impõem a auctoridade, a obrigação.

Parece um paradoxo; pois, para estes, não é!

Moral!

Principio vago, idea incerta, que elles não conhecem.

(*Continúa*)

COSTA CABRAL

---

## A instrução e a politica

Quem tiver passado uma parte da vida no agreste das montanhas ou na amenidade fertil dos valles nos pequenos povoados de casas frageis e choupanas miseraveis, por essaas provincias de Portugal, terá, como eu,

(1) Snr. Dr. Affonso Costa, Licções de «Sciencia Economica e Direito Economico Portuguez», pag. 48.

admirado a simplicidade rude e franca e o embrutecimento da nossa população rural.

Vinculado a uma gleba como o servo dos tempos medievaes, o camponez, na escravidão em que se encontra para com o proprietario, na miseria d'um magro sustento que a avareza do Capital lhe dá com reluctancia d'envolta com 100 réis por trôco d'um trabalho diario e brutal que depaupera de forças o organismo dos mais robustos, na pobreza da sua choupana desabrigada, da nudez e da fraqueza dos filhos e da esposa, elle desconhece por completo uma theoria politica, não tem a mais dubia luz do que seja Direito.

Quando o fisco lhe bate á porta e lhe extorque o producto do trabalho de muitos dias, o pão d'uns poucos de filhos, para ir ser esbanjado em festanças, ou lhe levam o filho para pagar o seu tributo de sangue e de sacrificios a servir o despotismo, deixando a sua velhice ao desamparo, os irmãos sem um arrimo a quem pedirem o pão que o pae já gasto pelo trabalho lhes não pode alcançar, abrindo na ausencia a porta do seu lar á miseria, enquanto o rico que, com elles, tinha obrigação d'ir pagar o mesmo tributo fica no conchego da familia, alegre, farto e altivo ou continua n'uma vida de dissipação e de gozo; elle chora com amargura a sua *sorte* mas não se revolta porque não sabe, que uma nação pode florescer sem soldados, que ella vive melhor sem rei, que por um capricho os manda soffrer como a uns cães, sem tributos tão pesados que lhe arrebatem tudo o que, ás vezes, a fome e o mau passadio economisaram.

Se o capitalista d'aldeia, mais tyranno ainda que o da cidade, se recusa a dar-lhe o que dias antes ganhava, se lhe abate o salario a seu bel-prazer, elle toma submisso o caminho da gleba pensando nos filhos que querem pão, ignorando que aquella terra em que moireja alagado em suor de manhã ao sol posto é tambem sua, que da opulencia e bem-estar que gosa o rico, lhe pertence uma parcella.

O galopim, avido d'honras e de dinheiro bate-lhe á porta com a ameaça de tirar-lhe a horta arrendada se recusar o voto e elle segue-o sem saber que uma violação infame é feita a um dos seus mais sagrados direitos.

Tudo desconhece; tudo o que não seja labutar, suar e enriquecer os outros.

No emtanto, buscando bem perto na nossa historia vemos exemplos sem numero d'uma valentia epica, na defeza d'um ideal qualquer, da parte d'estes rudes proletarios!!

O camponez lucha até o sacrificio por uma convicção, tem a constancia do soldado mais aguerrido, porque o seu sangue não pode ter degenerado em 70 annos, na pureza do campo, na respiração d'um ar pouco viciado pelo cheiro impuro que mata a generosidade nos grandes centros de população.

E' a instrucção, o que falta á quasi totalidade dos proletarios do campo, que em Portugal está pr'ahi ao abandono como coisa sem valor.

A urgencia e necessidade da instrucção não pode ser contestada, e, era bom que todos os amigos do bem da patria, se colligassem no esforço de propagar a luz nas trevas d'estes espiritos simples e bons.

Desgraçadamente, o regimen que governa Portugal tem-no conduzido por um trilho tão escorregadio que só um violento movimento de repulsão poderá tornar a um melhor caminho e o salvará de despenhar-se, sendo quasi impossivel esperar que todos estejam instruidos de modo que o regresso a uma melhor situação não seja desastrosa para todos nós.

(*Continua*)

A. CARLOS BORGES.

---

## CONSULTAS

Aos nossos estimados assignantes fazemos estas consultas:

*Aos alumnos do 2.º anno de Direito:*

A quem devem pertencer as minas, no interesse da producção?  
Existirá um direito de propriedade individual?

—

Que influencia exerce em nossos tempos a religião para a regular existencia, desenvolvimento e transformação das sociedades humanas?

Que influencia exerceram os barbaros do norte nos povos da raça latina?

—

Que influencia exerceu o Christianismo na condição juridica dos filhos incestuosos e adulterinos, segundo o Direito Romano?

A critica encontrada no «*Commentario ao Codigo Civil Portuguez*», do sr. dr. Abel d'Andrade, á doutrina do sr. Dias Ferreira, acerca dos animaes prejudiciaes ás sementeiras, será rasoavel?

As duas primeiras consultas respeitam tambem aos ex.<sup>mos</sup> alumnos voluntarios de Economia Social, e á quinta consulta podem tambem responder os ex.<sup>mos</sup> alumnos repetentes do 1.<sup>o</sup> anno de Direito.

*Aos alumnos do 1.<sup>o</sup> anno de Direito:*

E' a sociedade um organismo natural?

Poder-se-ha conformar a theoria do contracto social com a dos organicistas?

A Historia é uma sciencia?

*Aos alumnos das sciencias mathematicas e philosophicas:*

Que logar deve occupar a mathematica na classificação geral das sciencias?

O methodo applicado nas sciencias exactas, será só o inductivo?

Não queremos, com o especificarmos os srs. a quem de preferencia offercemos estas consultas, dizer que não publicemos as de outros e quaesquer srs.; logo que as respostas venham assignadas, temos n'isso muito gosto, assim como na deferencia das suas consultas. Pedimos, porém, a todos os srs. que nos queiram obsequiar com o responderem-lhe, o serem breves.

As nossas consultas e ás que nos enviem responderemos no numero seguinte.

---

## PATHOLOGIA SOCIAL

### PRAIAS E THERMAS

#### I

#### Vista geral

Terminou a epocha destinada ao mercado das solteironas e ás lavagens do pachola e suado commendador, modêlo de hygiene e de bom senso, que durante dez menses seguidos lava os olhos com as polpas dos dedos, pobre-

mente humedecibas, e limpa as unhas com o palito que ao jantar lhe serve á esgravatação dentifrica.

Nesses mêses, consagrados pela mandrieira ao descanso do espirito e refrescamento do corpo, vi deslizar—por essas praias e thermas—o vicio, a hypocrisia e a sujidade, num connubio marruaz e vil, mordicando reputações, em palanfrorio ordinario de raparigas sem educação e de rapazes amaricados e sem espirito.

Por lá, não topei da enxorrada pasmosa dos roidos pela syphilis, dos minados pela doença, dos forçados de nevrose—um só—vindo, a sério, cuidar dos seus males, a remediar os seus achaques. Ao contrário, reumaticos e jogadores, hydrópicos e tuberculosos—emfim, tudo isso que p'r'ahi arrasta uma vida miseravel de pús e de mercurio que se amalgama e confunde, no conforto suave da exploração mutua, n'essas *cavernas de caco*, a que os excessos da parvoçada indigena deram o nome de *Casinos*.

Coisas do seculo. Dia a dia, a industria «Roubo» faz progressos na arte e no engenho.

\* \* \*

A inactividade, d'esses maldictos mêses, abrindo fallencia aos cabedaes do intellecto, baldeou-me ao meio torpe dos indifferentes.

E só agora, regressando á pacatez do meu lar, sinto de novo a vibração dos meus nervos e a agitação dos musculos na ideia sancta de correr a pau uma cambada de relaxados.

É a reacção... Oxalá que volte, em breve, salutar e boa, pois, ao menos, sempre heide contar—á gente honrada da minha terra—o que vae p'r'ahi, portas a dentro de um país fallido, onde a lei é uma mentira sórdida a cobrir industriosos.

\* \* \*

Pretextando doença, mas arrastada pelo vicio, a mesma gente, moralista e canalha, que pediu a condemnação de Urbino e levou José do Telhado a morrer na Africa, vae de mergulho nas vagas emmaranhadas dos *plenos ao vinte e nove* e dos *micos á dama*, e, simultaneamente, frequenta o club com o fim tôrpe de passar as filhas, por intermedio de danças obscenas e fascinações baratas.

João Brandão, o bandido terrível que assolou a nossa tão querida Beira, era, sem dúvida, bem mais sympathico e honesto no seu exercicio profissional do que os senhores batoteiros. Pelo menos, batia-se. Arriscava a vida. Os quadrilheiros da batota não têm clavina—usam um baralho. Não andam a monte—vivem no salão. Não assaltam na estrada o pobre viandante: *alto! ou bolsa, ou vida!*—accommettem os incautos: *Jógo! rei é porta!*

Resultado final: ficar sempre roubado.

Digam-me, portanto, se não ha identidade de fins e de que lado está o direito.

Tem a palavra os srs. administradores do concelho.

\* \* \*

Contava-me meu avô, um bom velho de rija tempera e que acabou aos 72 annos, que, no seu tempo, as meninas tomavam banho, e, almoço após, tratavam dos arranjos caseiros. Nunca uma senhora córou, se tirava o chapéo para temperar um caldo ou descalçava as luvas para esfregar um quarto.

Por isso, antigamente, uma menina de dezeseis annos estava apta a governar a casa, tractando da engorda dos cevados e fallando francês, criando gallinhas e tocando piano, fazendo *crocheé* e lavando a louça—tudo sem affectação, sem embustes e sem espartilho.

Mulheres ás direitas, de bom sangue e largo utero.

Hoje, as meninas casadoiras são, em geral, umas anemicas delambidas, que aos doze annos rabiscam cartas de namoro com mau criterio e pessima grammatica, e incapazes de agarrar da vassoura para limpar um movel.

Bailam nos casinos e não sabem lêr. Zurram nos clubs e soletram mal o Rabelais. A orthographia é horrível, a calligraphia—hedionda. Umas esganiçadas empôlas de pó d'arrôs, passando uma vida lubrica, em esgares mortigos ao caixeiro do vizinho, e que o conselheiro, moralista e burlesco, acha—modêlos de galanteria. . .

E então os rapazes—desgraçados cerebros—terreno baldio a qualquer ideia, por peor que seja.

Uma miseria esta sociedade.

Pela minha parte não dei, por essas praias e thermas, com um rosto angelico a transluzir saude, respirando ingenuidade; gente com talento,—gente capaz de um amor honesto, ou de uma ideia sã. Walsistas de sapato de verniz e sobrecasaca, muito negros, verdadeiros cangalheiros, póse e

feridas, pó d'arrôs e phthisica, dentes postiços e fartos chinós, calhambolas do crime, eis o que veraneia ahi pelo país, no concerto unisono da quebra fraudulenta e do calote artistico.

Fallem as casas de prégo.

HERÁCLITO FERNANDES.

(D'um livro em preparação).



## CRITICA

### Silva Mendês e Ferreira Lemos

"Na elaboração d'este livro procuramos systematicamente não emittir a nossa opinião. Não deviamos emittir-a: porque o fim a que nos propuzemos, foi unicamente apresentar a historia e a doutrina anarchista na sua expressão mais pura."

Não é o livro do sr. Silva Mendes—a quem não temos a honra de conhecer pessoalmente—um livro de propaganda, um livro anarchista; é a *exposição* de doutrinas, é "um livro que nem defende, nem aconselha, nem applaude, nem provoca, "expõe."

Sendo assim, nada temos que deitar em rosto, n'este ponto, ao auctor do *Socialismo Libertario ou Anarchismo*; o sr. Silva Mendes, anarchista professo, *apresenta* as doutrinas anarchistas e deixa-as á discussão de todas as escholas e principios; não as critica mesmo.

Não nos consta até hoje que haja sido acoimado de timido o grande Paul Boilley por no seu livro *Les trois Socialismes, Anarchisme-Collectivisme-Reformisme*, ter feito o mesmo que o sr. Silva Mendes.

"Notre but est demontrer que le nom de "Socialisme," est un terme d'une vague généralité convrant une théorie supposée communément une et homogène, et qui n'est en réalité qu'un assemblage hybride de trois principes entierement opposés."

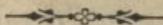
Pela leitura do prologo, para não dizermos do livro, do sr. Silva Mendes chegamos nós á conclusão que o seu fim foi tambem "demonstrar que o nome de "Anarchisme," é a expressão do seu sentir e do de muitos, "significando uma theoria supposta commumente," de dynamite e pedradas," e que não é na realidade senão, uma theoria scientifica e perfeitamente philosophica.

Como **Boilley**, Silva Mendes, *expõe* a doutrina anarchista, salienta a distincção entre o *Anarchismo* e a *Anarchia*; Silva Mendes, como **Boilley**, crê na evolução das sociedades, sem que, como muitos, veja na evolução uma degenerescencia.

No proximo artigo demorar-nos-hemos n'este assumpto, pois que nos estudos que, n'esta revista, formos publicando, ácerca do "Socialismo,, teremos occasião de mais d'uma vez nos referirmos ao sr. Silva Mendes.

Porto, Janeiro de 1897.

LUIZ DUARTE.



## POLITICA EXTERNA

### Carta d'um diplomata

(PELO MUNDO)

.....

Agora que o velho anno carrancudo e feio vae fugir da scena do mundo, emquanto a natureza lugubre e tristonha, com ares de morte, tange no espaço arias funebres; o novo, o novo anno, tal como guapo mocetão, já se ensaia nos bastidores, enverga os seus trages dominigueiros, procura o meio de agradar ao publico que o espera ver no palco, e dando um geito á perna, um feitio ao braço, a cabeça em *pose* de querer conquistar, os olhos abertos, com o competente monoculo assestado, ensaia um sorriso, apaga nas feições qualquer contracção pesada ou desagradavel, e, fingindo-se d'uma alegria exuberante, está prompto a entrar em scena, quando o ensaiador entender que são horas, e, eil-o breve, entrando sorrateiro diante d'um publico sempre á espera de sensações novas, de effeitos nunca vistos, mas, infelizmente. sempre os mesmos mas, apenas transformados, e alli dirige graças ás senhoras, sorri ás creanças, discute com os homens, e, procurando satisfazer a todos nos seus appetites e nos seus gostos, é mais uma vez triumphantemente levado em braços pela multidão. E quem sabe se este mocetão, não é o velho da vespera, o velho carrancudo e feio, que, atirando com os postiços, a cabelleira branca, as

rugas fingidas, aquelle todo do ancião, e que de coxo passa a ter o passo firme, a quem um garbo marcial e quasi a vertical, substituiu a curvatura dos annos e a redondeza propria, emfim quem sabe! eil-o agora rejuvenescido e outra vez folgazão, hontem o velho carrancudo e feio, hoje o guapo mocetão.

.....  
 E 1897 o que nos trará no correr dos tempos, será a paz universal ou a conflagração dos povos? será um armistício para a crise social ou mais um incremento para este flagello das nações? mysterio!... é como o sopro que ouvimos em torno de nós, é como o som que se expande pelo espaço.

E para os paizes, na sua vida pessoal, o que haverá de novo, que lhes virá turbar a existencia e suas leis fundamentaes?

1896 nos lega o conflicto que já nos legara 1895, a questão de Cuba; mas este anno sob feição mais regular, como chamma tenue que tende a propagar-se, aquelle já nos apresenta o incendio sem meios de apagal-o; o embate das paixões no seu *maximum*; e a America ameaçadora, umas vezes avançando, outras recuando, como querendo exercer tutella sobre o brinco da America Central. E a Abyssinia, a interminavel questão sem resolução pratica, sem a Italia ter vingado os seus foros de brio e sobranceria. Emquanto na Africa os heroes, successores de Vasco da Gama, combatem as hostes do sertão colhendo laureis sobre laureis. E a Turquia, a Armenia e todas aquellas paragens saccudidas pelo exterminio da vingança, por uma sêde de sangue, a qual as potencias europeias procuram remedear! Emquanto vimos o Imperio absoluto, a Monarchia theocrata, dando as mãos á Republica democratica, á obra de 1789, confraternisando no meio de festas e jubilo espantoso, a união de duas entidades inteiramente oppostas, como regimens.

Mas muitas cousas temos visto e se hão de ver, e nada nos deve admirar de tudo ver.

E vou pôr um ponto final na minha prosa; e esperando que me responda com maxima brevidade, creia que continuo a lhe dispensar toda a minha amizade e a ser o mesmo como sempre.

Creia-me seu am.º, etc.

Lisboa, 28-12-96.

UM DIPLOMATA.



# A SOCIAL

REVISTA QUINZENAL D'ESTUDOS SOCIAES

SUMMARIO

PARTE SCIENTIFICA — Impassibilidade popular — *Teixeira Bastos*. 11 de janeiro — *A Redacção*.  
 Secção doutrinaria — A questão social — *Costa Cabral*. A instrucção e a politica — *Carlos Borges*. Carta d'um militar — *Thomas Dias*.  
 Decadencia — *Um redactor*. Consultas — *A Redacção*.

PARTE LITTERARIA — Sob o Luar — *Gonçalves Cerejeira*.  
 Via Dolorosa — *Costa Ferreira*.

## A impassibilidade popular

Um dos phenomenos aparentemente mais extraordinarios, que se observa no nosso paiz, em vista dos acontecimentos que tem occorrido desde a abertura da crise politica em 1890 e financeira em 1891, e sobretudo desde que o actual governo inaugurou claramente a politica de restauração do poder pessoal, é a inquebrantavel impassibilidade popular.

No periodo constitucional que decorreu entre 1833 e 1851, á menor suspeita de infracção de algum dos preceitos da Carta outorgada ou de offensa á integridade do systema representativo, agitava-se com violencia a opinião e o povo erguia-se, tomando as armas, contra quem ousava tocar na arca santa da liberdade.

Depois as coisas mudaram, arrefecendo pouco a pouco o entusiasmo popular e tornando-se a agitação politica, que derribava os ministerios, cada vez mais superficial. O povo, a grande massa dos cidadãos, anteriormente sempre prompto a sahir para a rua com as armas na mão, cahiu durante o longo reinado de D. Luiz no estado cataleptico de indifferentismo.

A commoção produzida pela grande crise politica financeira d'estes ultimos annos accordou o povo d'esse estado, mas não lhe restituiu a energia revolucionaria que o trazia sempre agitado no periodo constitucional de 1833 a 1851. Por isso a nação tem assistido impassivel, mas não indifferente, á enorme serie de attentados do actual governo contra as liberdades publicas e á sua ousada tentativa de restauração do poder pessoal.

\* \* \*

A impassibilidade popular explica-se pelas naturaes tendencias conservadoras da multidão, sempre vigorosas quando á influencia dos caracteres hereditarios se não sobrepõe momentaneamente a influencia revolucionaria de um ou mais chefes ou agitadores explorando o descontentamento e a irratibilidade.

Sobre este assumpto, que no estado de plena crise, em que ha annos nos encontramos, particularmente nos deve interessar, é profundamente elucidativo o recente livro de Gustave Le Bon — *Psychologie des foules*.

«As multidões, diz elle, são em excesso dirigidas pelo inconsciente e por conseguinte submissas em demasia á influencia de heranças seculares para não serem extremamente conservadoras.»

E são conservadoras por instincto. «De facto, observa o illustre escriptor francez, ellas teem instinctos conservadores tão irreductiveis como as de todos os primitivos. O seu respeito fetichista pelas tradições é absoluto, o seu horror inconsciente por todas as innovações capazes de transformar as condições reaes de existencia é inteiramente profundo.»

Se alguém as não dirige, explorando a facilidade com que em certos momentos podem ser suggestionados, se as deixam abandonadas a si mesmo, «caminham instinctivamente para a servidão.» Aceitam-na pelo menos, soffrem-na resignadamente.

\* \* \*

O paiz tem assistido com inquebrantavel impassibilidade, erradamente traduzida pelo governo e seus adherentes como plena approvação, á systematica politica de retrocesso iniciada pelo fa-

moso decreto dictatorial que reorganizou os serviços de policia restabelecendo a intendencia de ignominiosa memoria.

Esta impassibilidade popular, esta resignação com que o paiz soffre o dominio arbitrario do actual governo, tem raizes profundas nas tradições historicas.

Com identica impassibilidade aguentou a nação portugueza o tyrannico jugo de D. Miguel, deixando abortar as primeiras tentativas de revolta e só adherindo ostensivamente á causa do exercito libertador quando considerou perdida a causa do absolutismo pelo abandono da capital ás tropas da ousada expedição do duque da Terceira.

Não menos impassivel se mostrou o paiz depois da expulsão do exercito francez ao ferreo dominio de Beresford, ou antes da Inglaterra, enquanto Manuel Fernandes Thomaz não tomou a iniciativa do movimento, impellindo o synedrio a proclamar a revolução de 1820.

Tambem impassivel e resignada já se submetera a nação no fim do seculo XVI á soberania dos Pilippes, que só saccudiu passados sessenta annos, quando quarenta conjurados, fiando-se na protecção da França, preparou o movimento restaurador e arrojadamente proclamaram a independencia de Portugal.

\* \* \*

A impassibilidade popular no momento presente, em vista dos factos historicos do passado, não significa pleno assentimento aos actos do actual governo; mas simplesmente a natural submissão das multidões debaixo da influencia de heranças seculares e do acção inconsciente dos seus instinctos conservadores á vontade da primeiro que se sabe impôr.

Não é approvação, é resignação, prompta sempre a desapparecer desde que um ou mais chefes, dispondo de prestigio e tendo probabilidades de triumpho, tomem a iniciativa da resistencia. Foi o que succedeu em 1640, em 1820 e em 1833.

Recebido o primeiro impulso, feita a revolução, desde que a agitação attingiu o seu auge, fica a alma do povo em condições de vibrar facilmente, movida por segundo ou terceiro impulso, lançando-se em novas e successivas revoltas, até que cançada e

abatida accete outra vez o predominio dos seus proprios instinctos profundamente conservadores. O periodo constitucional de 1833 a 1851 offerece-nos um exemplo frisante d'essa agitacão permanente. O estado cataleptico do indifferentismo, que caracteriza o periodo que se lhe seguiu, representa com precisão a quèda, a obediencia aos méros instinctos conservadores.

Hoje resigna-se o povo a soffrer uma humilhante servidão caracterizada pela anteposição da vontade dictatorial do governo aos preceitos consignados nas leis fundamentaes, que não é em summa outra cousa senão a restauração do poder pessoal. E resigna-se simplesmente porque não tem havido quem, aproveitando o seu descontentamento e a sua irritabilidade, o transforme em multidão revolucionaria.

TEIXEIRA BASTOS.

---

## 11 de janeiro

Esta revista vem hoje curvar reverente a sua bandeira perante este dia duas vezes triste.

A 11 de janeiro de 1890, uma nação forte por as suas esquadras, forte por o seu commercio e forte por as suas industrias, esquecendo que existe uma sciencia a que chamam Direito, não querendo saber do que se estipulou em uma conferencia, ruzgando a venda á justiça e quebrando-lhe a sua espada, insulta um Povo nobre e generoso, velho e sempre altruista, no que elle tem de mais santo e mais sagrado, a posse da terra regada pelo sangue dos seus filhos.

Sem quereremos fazer politica, sem quereremos mostrar que esse branco de paz da nossa Bandeira foi regado, no goso d'um legitimo direito, em desforço d'um insulto lançado ao Povo portuguez, no vermelho do sangue de nossos irmãos; vimos hoje curvar a bandeira d'esta revista perante a dôr que feriu o coração de todos os portuguezes.

Pois bem; a bandeira Nacional está ainda rubra de sangue; urge que nós, compenetrando-nos do nosso direito, da justiça que nos de-

vem, façamos assignar a quem acceitou este insulto, sem a Nação o haver acceite, o termo do seu crime. lhe façamos sentir a pena.

E que isto se faça pela Paz, que quem prevaricou assuma a responsabilidade, reconheça que o seculo tornou a sua existencia incompativel com o bem estar nacional, deponha a auctoridade, e... se julgue excommungado *latae sententiae*.

\* \* \*

Um anno, um anno de saudade, de luto, de dôr!

Qual sol d'inverno, teve uma existencia rapida na terra; illuminou com a sua bondade, o seu methodo, as creancinhas; aqueceu com o seu talento, a sua lyra, a alma da Nação, mas... fez mais e menos que o sol; mais, porque morto, deixou ainda um clarão que illumina os cerebros, ainda os mais tacanhos, um clarão que lhe valeu uma apothese, como lhe valera, em vida, uma festiva manifestação; fez menos, porque morreu!

Que é do Lyrismo depois da morte de João de Deus?

Anda perdido, campos fóra, em *poetas* que serão tudo menos *poetas*; em *poetas* que, salvas poucas e honrosissimas excepções, quebram as cordas á lyra logo que lhe chegam os dedos.

Alma portugueza, assim se te despedaças sem que tenhas um movimento de colera contra a foice do tempo, dizendo-lhe:

—Pára!—

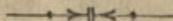
Alma portugueza, recebe em teu peito essa *Cartilha*, ama-a, decora-a e ao serão educa os teus filhos, mostra-lhes o retrato do Mestre e diz-lhe:

—É este, grava-o bem na tua memoria!—

Que é?! Está a tocar a finados?! Passam bandeiras cobertas de crepe e inclinadas?!

Morreu João de Deus! Quebre-se a nossa penna que João de Deus morreu!!

A REDACÇÃO.



## Secção doutrinaria

### A QUESTÃO SOCIAL

#### O Christianismo e a questão social

##### I

O pacto da obrigação espalha-se com o termo; trata-se apenas de restringir o dominio da liberdade, de a substituir pela insufficiencia do governo da razão, da mesma fórma que a tutela tem readquirido o seu favor, e que, a caminhar assim, não terá a humanidade mudado senão de tutores.

Podemos ainda repetir :

É isto um paradoxo ? Decerto que não.

Em todas as classes—na actual organização das sociedades—, no capitalismo e na miseria, na burguezia e no prolectariado, a tendencia é sempre a mesma, sob formas differentes.

No capitalismo, o homem pobre é servo da gleba, a terra impõe-lhe a necessidade de conquistar, com suor e sangue, o pão; na miseria, os andrajos, a fome, o rosto cadaverico da mulher e dos filhos, impõe-lhe a obrigação de roubar, porque a fome, a miseria, lhe roubaram as forças para trabalhar.

O burguez pede, de companhia com uma escola de politicos, de economistas, de escriptores, um remedio para as chagas sociaes, ás medidas legislativas que assentam, em ultima expressão, sobre a violencia, sobre a força; o operario, o proletario, é a força, a renovação radical da sociedade por meio da violencia, que, exasperado, obcecado, pede uma solução.

O capitalista obedece ao interesse, o misero obedece á gleba, á necessidade; o burguez obedece a si proprio, á justiça tal como ella existe; o operario, o prolectario, o faminto, o desvairado por os olhos esgaseados e convulsos d'uma mulher em lagrimas e sem carnes, por os filhos esqualidos e sem sangue, obedece ás leis naturaes.

“Obedecer á consciencia, á razão, á justiça, á humanidade, á lei divina, ou ainda ao interesse bem entendido, não é mais que uma questão.”, diz Lefébure.

Este notavel sociologo olha por certo o mundo tal qual elle é, estado este que um emminente sociologo brilhantemente esboçou; estado em que "o esforço de todos os homens de boa vontade e solida orientação, é-lhe mais que nunca necessario na hora actual, em que tantos problemas sombrios se desenham, em que tantos ruidos sinistros se escutam, em que tantas tempestades funestas se encastellam...—n'esta hora de incerteza e descrença, em que a sociedade parece prestes a ruir, precisamente por causa das desigualdades economicas, e em que, desde o prolectario que reclama e ameaça, até ao homem de estado que promete vêr e remediar,—todos anceiam por uma solução redemptora, que só da sociologia pôde legitimamente esperar-se.", como diz o sociologo a quem nos referimos.

Que consciencia é essa que hoje todos se inculcam? Uma consciencia individual, cujo fiel é o bem estar de cada um.

Que vem a ser essa razão de que todos se dizem possuidores? A faculdade que cada um tem de relacionar o seu *dulce far niente* com o menor trabalho possivel.

O que é a justiça? "Qu'est-ce que la justice?—L'essence même de l'humanité.

Qu'a t'elle été depuis le commencement du monde?—Rien.

Que doit-elle etre?—Tout.,

PROUDHON

O que é hoje a humanidade? É a reunião de individuos gangrenados, no dizer de Alf. Testuz, pelo deboche, a embriaguez, o jogo, e por o mais abjecto dos materialismos; sociedade que, perante as desgraças, leva aos labios o sorriso e a blasphemia.

O que é a lei divina? Uma mystificação transcendente sem justiça, no dizer de Proudhon; a negação quasi completa do Evangelho de Christo.

Interesse bem entendido?! Flôr de rhetorica empregada pelos *badamecos* socialistas.

Más... , a Poesia, a alma das nações, o espirito dos Povos, não mente, e não mentem os grandes Poetas; Shakspeare disse:

"There is some soul of goodness in things evil.,

Verdade evidente; sim resta alguma cousa de bom, uma alma de bondade, nas cousas más; essa alma boa, é a alma dos pobres, dos opprimidos.

Como despertar essa alma, se hoje tudo gira n'uma engrenagem de obrigações?

No artigo que, encarregado pela redacção, escrevemos ao abrir esta humilde revista, dissemos que pertenciamos a uma raça depauperada, "sem vida, quasi sem sangue, e, entrechocada por mil revezes," e hoje diremos com Costa Ferreira: "O homem, tal como o vemos, não é um homem, é um aborto. Contrariando as leis da natureza e a sua acção evolutiva, unica fonte natural do progresso, do caminho do aperfeiçoamento, do ideal, trazendo o homem acorrentado pelo medo d'um castigo e arrastado por uma esperança vã, tal é pouco mais ou menos o systema geral que domina quasi todas as organizações sociaes até aqui postas em pratica."

Eis a verdade.

Para que o pae cumpra os deveres, que a natureza lhe impõe, para com os filhos, de educação e vida, é preciso que a lei torne a instrucção *obrigatoria*, é porque a cadeia o espera se lhes não der pão.

Para que o cidadão vá desempenhar os seus mais sagrados deveres, o servir a Patria e votar nos seus representantes, é necessario que a lei os *obrigue*; vá que os nossos homens prohibem-lh'o.

Até se falla já em dar uma organização legal á caridade, *obrigando* a esmola.

Quanto á acção do Estado sobre o trabalho, *obrigando* os homens a trabalhar, deter-nos-hemos em outro ponto, attenta a grande importancia d'esta materia.

Toda a nossa civilização se limita hoje ao *temor* da policia e á sua *guarda*; d'onde uma felicidade immensa se deriva, pois resta só saber quem é que *guarda a policia*.

No seculo das luzes, na epocha do suffragio universal, parece que se conclue que os homens perderam a intelligencia e o conhecimento dos seus deveres.

Nada d'*obrigação*, tudo filho da vontade livre de cada um; as proprias leis ficarão estereis sem este concurso.

A origem de todos os nossos males é o desconhecimento do dever que a propria natureza nos impõe e que se chama—O Dever Social.

(*Continúa*)

COSTA CABRAL

## A instrução e a política

(CONCLUSÃO)

A instrução transforma por completo uma sociedade em que os homens sejam ignorantes mas sinceros, sem a terrível epidemia tão contagiosa como perigosa chamada corrupção que, por infelicidade nossa, possui quasi toda a população das cidades.

A' medida que os conhecimentos iam descodensando as trevas dos espiritos, ensinando-os a pensar, transformações se operavam que, atravez de varias vicissitudes, epilogaram na Revolução franceza, essa fonte da Liberdade mutilada e transitoria que se gosa na maioria dos outros povos e que certamente acabará como na França—pela implantação da Republica.

Então eram os grandes philosophos os guias sobrenaturaes, cuja memoria se impõe a todos até á veneração, que dirigiam os espiritos com a penna e com a palavra.

E se os homens foram bestialmente ferozes nas sanguinolencias do Terror era porque conheciam até que ponto os tinha deprimido a realeza; era a vingança.

Ensinem aos homens rudes do campo quaes são os seus direitos, inflammem um pouco o phosphoro d'aquelles cerebros, rasguetu com luz a escuridão do seu pensar e verão se a gollilha da ameaça os arrastará como a bestas a lançar n'uma urna a lista em que vae inscripto o nome, muitas vezes, d'um desconhecido.

Verão se uma assembleia nacional não perde immediatamente o caracter de farçada d'homens sem brio nem pudôr para tornar o aspecto austero d'um logar em que se discute o bem da Patria.

E pela sequencia de raciocinios esses homens trabalhadores, leaes, valentes, supprimirão uma entidade inutil—o rei.

Rei!!!

Ser inepto, descuidado, esbanjador e governar uma vida com a consciencia adormecida na doce tranquillidade de quem sabe que tem um filho que lhe herda as qualidades do character e o poder sobre os cidadãos que luctam com a Miseria para pagarem luxo, divertimento e immoralidade, não se coaduna com a franqueza de sentimentos dos filhos do Bem e da Honra.

Quando a voz do povo se levantar ao grito da consciencia, Portugal terá rejuvenescido, quando tudo quanto ha de immoral, de desigual e injusto fôr escorraçado, Portugal estará salvo das tempestades que o ameaçam com o desaparecimento.

A. CARLOS BORGES.

---

## Carta d'um militar

### UTOPIAS

No artigo sob a epigraphe *A instrucção e a politica* do ex.<sup>mo</sup> sr. Carlos Borges, publicado no 1.<sup>o</sup> numero da revista de que v. ex.<sup>a</sup> é esclarecido redactor, notámos uma phrase que realmente, a nosso vêr, não possui visos de verdade.

Diz o sr. Carlos Borges :

O rude camponio ignora «que uma nação póde florescer sem soldados!» É notavel.

Para que uma nação podesse florescer sem soldados, seria necessario, que os homens que formam essa collectividade a que chamam nação, tivessem uma alma tão bem formada, que o altruismo fosse a primeira virtude.

Porém, triste é dizel-o, o homem é essencialmente egoista.

Tentar-nos-hão refutar esta asserção dizendo : Se o espirito do homem fosse sufficientemente culto, elle seria *sufficientemente* altruista.

Engano.

O estudo, desenvolvendo a intellectualidade vae despertar na alma os desejos latentes que até ahi não passavam de vagas impressões.

Não tom mos por norma o nosso paiz, aonde uma politica de intrigas tem apenas despertado rancores.

Vamos á Allemanha, ao paiz da sciencia e da industria, ao paiz essencialmente *socialista*.

Ahi, a todo o momento surgem as novas descobertas em beneficio da guerra.

Os arsenaes allemães acham-se repletos de milhares de homens.

Para quê? Para fazerem armas e espadas de latão para divertimento de creanças?

As principaes nações reforçam as suas marinhas de guerra.

A Europa acha-se transformada n'uma forte praça de guerra em tempo de bloqueio.

E, não obstante, "as nações podem florescer sem soldados!,"  
Não vamos a crêr em utopias.

D'aqui a milhares de annos, ainda as fardas vistosas dos proselytos de Marte farão os encantos de formosas houris.

Coimbra, 16 Janeiro 97

THOMAZ DIAS.

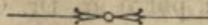
\* \* \*

Não só, muito gostosamente, publicamos o artigo do ex.<sup>mo</sup> sr. Thomaz Dias, cujo restabelecimento muito desejamos, mas temos até grande prazer de vermos que um membro d'uma classe, sahindo d'este marasmo e apathia desoladora, se levanta pugnando em favor d'ella.

As paginas d'esta revista estão ao dispôr do ex.<sup>mo</sup> sr. Thomaz Dias e de todos aquelles que, como v. ex.<sup>a</sup>, o façam por uma forma que revele conhecimentos e polidez.

De resto, permitta-me V. Ex.<sup>a</sup> que lhe agradeça em meu nome e no d'esta redacção, porque todos somos solidarios na iniciativa d'esta revista, as phrases amaveis que nos dirige.

COSTA CABRAL.



## DECADENCIA

**Guilherme Moreira — João Franco**

E' melindrosissima o mister do nosso artigo, mas um facto revoltante, d'uma baixeza extraordinaria, revellando uma pessima orientação d'espírito, nos leva a hoje mesmo erguermos a nossa bandeira em defeza, não d'um homem, que não precisa do nosso apoio; não d'um espirito, que é robusto e valoroso; não d'um Ideal, que não nos compete fazel-o aqui, mas sim do nosso proprio lemma.

Liberdade e Honra estão sendo rodilha baixa d'um homem, que tem a recommendal-o o ser ministro; estão a ser violadas por quem

faz que desconhece o primeiro Principio augusto da Humanidade, e poz a Honra de parte como cousa nociva e prejudicial no nosso meio.

Liberdade e Honra estão a servir de tapete do sr. João Franco, que se alguma cousa se respeitasse n'este paiz estava já condemnado em virtude de haver transgredido os §§ 3, 4 e 5 do art. 103 d'essa cousa que dizem para ahi existir e que se chama Carta Constitucional.

O art. 145 e seu § 3.º da mesma lei são tambem banalidades aos olhos d'um homem, que será muito sincero nas suas crenças, mas é um louco, para não dizer um mau.

Egualdade e Justiça, palavras sem sentido n'este malfadado paiz em que o Povo come bolota, o exercito dorme sem cobertores, e a Instrucção é um mytho.

Egualdade e Justiça não existem, não podem existir, em um paiz de touros, em uma nação de *tentas*.

Fraternidade e Amor, rasgo sublime d'oratoria, a que uns *loucos* dizem corresponderem duas ideias sublimes, que um Franco não comprehende, sobre que um Franco divaga quando vê que um *cavallinho de pau* o espera.

Entre os redactores d'esta Revista ha tres que foram já discipulos do sr. Dr. Guilherme Moreira; nenhum de nós lhe ouviu uma critica menos rasoavel, menos sincera; pelo contrario, um de nós querendo, como vulgarmente se diz, *torcer*, um dia, o *bico ao prego*, em favor d'Ideias avançadas, se viu, por o sr. Dr. Guilherme, fortemente contrariado.

A rixa é velha; João Franco teimou, e... emquanto não vierem melhores dias, isto continuará assim.

A quem cumprirá impôr-se em circumstancias d'estas? O sr. Reitor da Universidade, talvez filho dos seus cabellos brancos, não tem já virilidade, já se não impõe; Os Collegas do sr. Dr. Guilherme não se querem impôr; restamos nós, os estudantes; se um não tem inergia nem mesmo para pedir a sua demissão, depois de haver instado pelo despacho do sr. Dr. Guilherme Moreira, se os seus Collegas não querem, nós, estudantes, devemos erguer o nosso brado prudente, mas altivo, junto do rei.

A Faculdade de Direito é a mais rendosa, nós é que assim a fazemos; quando nós quizermos... lá ficam os bancos ás moscas.

Mas... já não ha estudantes.

A imprensa de vez em quando falla, mas não insta; nós deviamos fallar uma vez só, mas essa valer por todas.

E faça hoje *A Social* suas as palavras do venerando Decano dos Jornalistas Portuguezes, a quem respeitosa e saudamos, e que o valente jornal republicano, *A Marselheza*, transcreveu:

"Terminou o anno de 1896, e com elle não terminou o acto de vingança do sr. ministro do reino contra o sr. dr. Guilherme Alves Moreira, lente de Direito.

Este professor tem commettido o grande crime de ter crenças republicanas, e é mister castiga-lo por isso, não lhe concedendo o accesso na faculdade, a que tem incontestavel direito.

Actos de intolerancia como este fazem lembrar as epochas do miguelismo e cabralismo.

O tempo mostrará a esta gente o que a monarchia tem a ganhar com tão rancorosos procedimentos.

Continuem assim, que hão de ganhar muito com isso."

UM REDACTOR.

---

## CONSULTAS

Em virtude da grande accumção d'original e do facto de nenhum sr. nos haver enviado ainda, hoje 19, resposta a nenhuma das consultas, resolvemos addiar a publicação d'esta doutrina para o proximo numero.

---

Agradecemos reconhecidos a toda a imprensa que noticiou o apparecimento d'esta revista e nos dirigiu os seus amaveis encomios.

As diversas empresas que nos honraram com a sua visita, agradecemos immenso e fica estabelecida a permuta.

— Carlos Borges responderá no proximo numero á critica do ex.<sup>mo</sup> sr. Thomaz Dias.

PARTE LITTERARIA

## SOB O LUAR

Passa a lua no ceu—seara loira de estrellas—  
 Pela noite em silencio, como um pastor calmo...  
 As folhas do arvoredado murmuram um psalmo  
 Como almas piedosas de freiras nas cellas.

Por esses campos fóra ha umas vozes estranhas  
 Nas hervas ao relento, nas arvores quietas,  
 Nos varandins romanticos das Juliettas,  
 No luar que azulá, ao longe, as linhas das montanhas.

A viração nocturna passa a tocar harpa  
 Pelas florestas, como em claustro abandonado.  
 E eu vou phantasiando a noite de noivado  
 N'uma casita branca, á beira-mar, na escarpa...

Bella me surges como as rosas de tocar,  
 O' minha noiva ideal—cabello solto em nimbos...—  
 Vejo-te a alma nos olhos: abre-se em corymbos  
 De luz cahindo a flux na minha alma a sonhar!...

E' que abre a flôr do Sonho em minha alma de poeta,  
 N'uma aromalidade embriagante de amor,  
 Como se me beijasse um matutino alvor  
 N'uma chuva de risos como á violeta!

E, emtanto, é o luar das noites mysteriosas  
 Que me electriza a alma n'uns lindos sonhares,  
 Fazendo-me evocar, ao rythmo d'uns cantares,  
 O teu perfil de deusa aromal como as rosas!...

E recomponho então, como n'uma ballada,  
 As Chymeras que tenho vindo a desfolhar  
 Pela Vida adeante, envolto no luar  
 Que me surprehende, ás vezes, nos marcos da estrada...

Parece que me orvalha uma chuva de beijos,  
N'um jardim provençal, á beira d'um castello,  
E os meus dedos destrançam um fino cabello,  
Em que os meus labios ferem divinaes harpejos!...

Embarca pelo Azul n'uma galera de astros  
Minha Alma a recitar o seu Poema-d'Amor...  
Abraçar a mulher é tocar n'uma flôr:  
Empallidece como ao luar os alabastros!

Quero um amor bizarro, d'um soffrer que é gosto,  
Juntamente carnal e casto: sempre o Ideal  
A velar como um Sonho divino o Real...  
Assim oscula-se a Alma, se se beija o Rosto!

Sobre a flôr da Paixão o Mystério que a azula...  
No riso do Prazer o pranto do Martyrio,  
Como o orvalho ao luar a tremer sobre um lyrio...  
Sempre beijar o Sonho, se a Carne se oscula!...

Passar quizera assim toda a vida a sonhar,  
Sem bem saber se sou na terra se no ceu...  
Ir pela Vida fóra, é ignorar se sou eu  
Ou sou a ti, ó minha Flôr-de-Nenuphar!...

A lua vae sorrindo alvacenta, indiscreta  
E fria como os marmores dos cemiterios.  
Uma noite de amor é cheia de mysterios...  
Que o diga o rouxinol, que o diga a alma do poeta!

A noite já vae alta. Adeus! Eu vou sonhar,  
Como a virgem dormindo em sombras perfumadas,  
Como quem beija o collo cheio de alvoradas  
D'uma noiva, n'um parque antigo, sob o luar!...

## Via Dolorosa

(EXCERPTO)

Eu sendo eu nem mesmo me compreendo  
E nunca bem me posso conhecer.  
Sei, ás vezes, ser eu em me não vendo  
Mas não sei que o sou só de me ver.

Este não viver vou eu vivendo.  
Odiando a Vida e a viver sem querer.  
Amando a Morte e a não querer morrer.  
Quando melhor me sinto ir morrendo.

Entre ser e não ser vou caminhando  
E em vão já me cancei a p'rguntar  
Para qu' é que vivo?

Em vão vim p'rguntando

Para que soffro, pr'a qu' hei-de assim chorar?  
E p'ra adoçar a Dôr que vou palpando  
Vou hoje no sonho a vida procurar

O sonho tudo faz, sabendo nós sonhar.

COSTA FERREIRA



# A SOCIAL

REVISTA QUINZENAL D'ESTUDOS SOCIAES

SUMMARIO:

PARTE SCIENTIFICA—O futuro da Peninsula—*Gonçalves Cerejeira*. Respondendo—*Um redactor*. Instituto de Coimbra—*Carlos Borges*. Secção doutrinaria—A questão social—*Costa Cabral*. Uma nação pôde florescer sem soldados—*Carlos Borges*. Utopias—*Thomaz Dias*. Critica—*Silva Mendes e Ferreira Lemos*—*Luiz Duarte*.  
PARTE LITTERARIA—Pequenina!—*Guedes Teixeira*.

## O FUTURO DA PENINSULA

Agora que a Hespanha se vê a braços com innumeradas difficuldades determinadas pela insurreição de Cuba e das Philippinas e Portugal chegou, do mesmo passo, a um periodo de extenuamento e ruina que o precipita numa insondavel voragem, mister é que relancemos a vista pela situação geral da Peninsula, na previsão de graves acontecimentos que podem surgir de um para outro momento, pois que as duas nações irmãs não podem deixar de estar mais ou menos vinculadas a um destino commum. Tremem as coróas sobre as cabeças dos reis de Hespanha e Portugal, ao embate da onda avassalladora da democracia a triumphar prestes. Urgente se torna, pois, que os homens da Republica se preparem para lançar as bases d'um novo *statu quo*, que fatalmente a succeder virá á estertorosa agonia do presente.

\* \* \*

Certo que os homens tendem naturalmente a associar-se, que a sociabilidade humana é um phenomeno que obedece a leis naturaes e não o producto d'uma convenção ou contracto, como o queria Rousseau e ainda hoje Alfredo Fouillée, evidente se nos mostra que o homem é, só por si, um ser incompleto, não pode viver isolado. Precisa, portanto, de associar-se para dar realisação pratica ás suas aspirações, em ordem á consecução do bem social.

A sociabilidade humana, pelo gradual e progressivo desenvolvimento das normas de fraternidade emanadas do instincto ou sentimento altruista, vem, pois, completar o homem individual, integrando-o na constituição harmonica dos diversos órgãos sociaes. E estes, procurando subordinar-se a uma função superiormente coordenadora, julgou-se por muito tempo que tinham o termo da sociabilidade na nação.

Mas a sciencia vae demonstrando a conveniencia das federações, sobretudo para as nações pequenas, como a nossa, o que a observação mostra que se vae dando, segundo uma lei natural de evolução historica. D'aqui vem a concepção superior da Humanidade, segundo a sciencia moderna, como o *Grande Ser*, na phrase de Augusto Comte, unico e completo, a que estão subordinadas todas as relações internacionaes, todas as concepções dos direitos do homem.

Isto que se dá entre os individuos, dá-se tambem entre os diversos aggrupamentos ou aggregados sociaes. Assim, segundo as indicações da sociologia relativamente ás condições mesologicas, devem confederar-se os estados em que haja identidade ou aproximação de raça, lingua, necessidades, costumes, indole, civilisação, situação geographica, etc.

Ora é este precisamente o caso que, mais do que em quaesquer outros povos, se dá com Portugal e Hespanha.

A organização federal dos Estados livres da Península Iberica impõe-se irresistivelmente a todos os espiritos sensatos como uma con-

quista do progresso e uma garantia da nossa liberdade autonómica. Pelo contrario, isso a que se chama *iberismo*, isto é, a unificação monarchica das duas nações da Peninsula sob uma testa coroada, seria para Portugal, e tambem para a Hespanha, um grave erro politico e, mais do que isso, uma ruinosa calamidade, de que já nos forneceram uma prova evidente os 60 annos do ominoso dominio philippino. A nação portugueza comprehendeu então o seu dever, insurreccionando-se em 1640 e proclamando a sua independencia da tutela humilhante dos Philippes. Aos outros Estados da Peninsula competia-lhes seguir o exemplo de Portugal, libertando-se tambem.

Mas Portugal não pode, nas circumstancias em que se encontra, subsistir isolado, assim como não pode subsistir absorvido pelo unitarismo monarchico. Portugal, por si só, não pode satisfazer as suas necessidades, realisar as suas aspirações, nem manter a grandeza da sua gloria e importancia historica, elle que outr'ora assombrou o mundo, patenteando á expansão da Humanidade mais vastos horisontes, rasgando á luz da civilização o Mar Tenebroso, desbravando novas terras, levantando em longinquas paragens os seus immorredoiros padrões de gloria!

Conhecendo, pois, a necessidade de associar-se a outros povos, Portugal, transformado em juguete de manejos dynasticos, obedecendo a caprichos e machinações ambiciosas de testas coroadas, foi alliar-se, imbecilmente, pela mão nefasta dos Braganças, com a Inglaterra que o rouba e arruina sem vergonha, escarrando, ultrajosamente, no rosto agonisante da nossa querida Patria!

Não será muito mais vantajoso, muito mais justo e desejavel até que Portugal se allie com a Hespanha, uma nação irmã, na qual concorrem todas as condições favoraveis para, sacudindo o jugo monarchico que as arrastou á ruina do presente, encetar uma vida nova, de *commum accordo*, entrando numa organização federativa? É, sem duvida. Portugal, isolado, no estado de decadencia a que chegou, não pode subsistir por muito tempo. Qual a sua alliança mais viavel e

natural? Necessariamente, mais do que aliança, a federação com a Hespanha.

Porisso, o 1.º de dezembro, que d'antes era, para alguns portuguezes, um dia de manifestações odientas e hostis á Hespanha, volveu-se hoje numa data de protesto e de amor fraternal: de protesto contra a especulação torpe do *iberismo*, que só aproveita ás testas coroadas, e de cordealidade fraternal para com a nação visinha, tendo em vista o accordo commum da federação iberica.

(*Continúa*)

GONÇALVES CEREJEIRA.

---

## RESPONDENDO

Ainda ha bem pouco tempo um punhado de bravos em Africa, arrastando contra as intemperies do clima, minados pelas febres, apoz dias seguidos de penosas marchas, praticou um feito comparavel ás conquistas orientaes no reinado de D. Manuel.

Ha um mez apenas, que duas companhias de guerra marcharam a mostrar aos namarraes, que Portugal, comquanto velho, ainda possui a virilidade de outras eras.

Cheios de abnegação e fé, levando na alma a *imagem* da Patria, lá foram atravez os mares, sorrindo desdenhosos ante o espectro da Morte, dar o seu sangue pelo unico thesouro do velho, mas heroico Portugal.

Não é tndo ainda. Concordo.

Porém, não tem o exercito feito tão pouco, que se possa dizer: «Juraste defender o brio e a honra da nação, mas, longe cumprir esse dever, sobre todos sagrado, vós tendes deixado insultar, infamar e arrastar pela lama esse brio e essa honra, que deviam estar personificados no Estado e nos homens que o representam».

Que têm feito em Africa as varias expedições?

Não têm ido lavar com o seu sangue o opprobrio que enlameava o nome do nosso valeroso paiz?

De que sobreviram então esses corpos inanimados serem lançados em sepulturas de terra africana, longe da familia e da Patria?

De nada?

Não, decerto.

Foi pouco o que fizeram, mas foi alguma coisa.

Para que fazer uma idéa pessimista do exercito?

Se não fez tudo ainda, é porque...

Coimbra, 24 — janeiro — 97.

UM REDACTOR.

---

## Instituto de Coimbra

Effectuou-se na noite de 1 do corrente n'esta associação a sessão inaugural dos *Cursos nocturnos para operarios*.

Merece-nos tal sympathia esta obra, pelo interesse que n'ella se vota aos proletarios, que se nos impoz, como um dever, d'ella darmos noticia.

Na verdade, quem desconhece as vantagens que, para a sociedade, resultam da propagação da instrucção por todas as classes, ainda as menos favorecidas pelo jogo do Destino?

Pois não somos todos irmãos?

Não teem elles o mesmo direito de quinhoarem da luz que mais refulge ainda, que a do proprio sol?

Não é uma obra de misericordia ensinar os ignorantes?

N'esta campanha contra o obscurantismo só applausos merece o Instituto.

Abriu a solemnidade o seu presidente, dr. Bernardino Machado, que, n'um discurso insinuante, pôz em relevo as vantagens da instrucção e a necessidade de harmonisar esta com o trabalho.

Para este problema propôz a seguinte solução:

« . . . que a ninguem seja licito seguir um curso de instrucção secundaria, sem que esteja ao mesmo tempo fazendo o seu tirocinio officinal, nem

se permita o accesso a uma faculdade ou eschola superior a quem não seja ainda mestre em alguma profissão, . . .»

Quantos males se não evitariam adoptando esta solução!!

Era tornar a sociedade á robustez que, ha já bastante tempo, perdeu, era irmanar na pratica todos os homens.

Fallou tambem o distincto lente de medicina, dr. Lopes Vieira, sobre a Glorificação do trabalho pela hygiene; discurso valioso que não podemos commentar por nos faltar o espaço.

Não póde esta revista deixar de louvar emprehendimento tal, e em nome d'ella o fazemos.

A. CARLOS BORGES.

## Secção doutrinaria

# A QUESTÃO SOCIAL

## O Christianismo e a Questão Social

### I

Na complexidade crescente da materia de que estamos tratando tinhamos perdido o fio do nosso discurso, fio que vamos retomar.

São innumeraveis as causas que concorrem, actualmente, para enervarem a pratica de «O DEVER SOCIAL» e para darem origem á monumental questão cuja existencia discutimos.

Ao estudarmol-a, vamos fazer um appelo á consciencia collectiva, á livre iniciativa, procurar despertal-as naquelles em quem dormitam, para entreter ou excitar a chamma da dedicação e das novas emprezas.

Será isto uma ambição desmedida? talvez; a golpe seguro e com um pouco de esforço de todos nós, talvez o alcancemos.

«Sonho dourado? — Quem o póde dizer? Entretanto, imagine-se por momentos que o estado mental da nossa epocha, tão embebido dos principios moraes e juridicos que condemnam as crueldades e as expoliações de qualquer especie, provoca uma *transformação* das sociedades, em que se vêem extinctas as desigualdades economicas, em que se vê o egpismo substituido pelo amor na constituição da familia, em que se vêem os aparelhos

centraes dirigindo com intelligencia as forças da collectividade, etc., — é ninguém contestará que uma parte do sonho se fez já realidade. Ora, se é possível, ou antes, se é *natural* que isso succeda, porque razão nos ficaremos, pessimistas, desalentados, em face do problema, sem pretendermos dar-lhe a solução mais propria? — Se temos uma sciencia social, devemos cultival-a com amoroso entusiasmo, para que d'ella saia remedio para as multiplas doenças do corpo collectivo a que pertencemos. Como o faremos? Prescrutando na consciencia da humanidade os principios moraes e juridicos que n'ella se encontram; aproveitando os que são mais elevados, os que estão mais puros; definindo-os e precisando-os; organisando, com elles, a sciencia social abstracta; e creando, assim, um conjuncto de leis superiores, em que todas as sciencias sociaes concretas vão fundar-se, em que os povos vejam bem desenhado o seu ideal e em que as sociedades firmem as suas esperanças d'um melhor futuro.»

Eis a expressão da verdade revelada por o sabio pensador a quem tantas vezes nos referimos.

Não digamos, como Schopenhauer, que é preciso suicidarmo-nos em presença do estado actual da sociedade, não; urge procurar remediar os males d'essa sociedade.

Em levedura existe um descontentamento que produz evolutivamente uma fermentação cuja consequencia é uma transformação social, embora alguns sociologos, menos esperançados, digam que essa consequencia *podia ser* essa transformação.

Temem-na uns, outros a pedem, a esperam; ninguém póde, no entanto, prever a sua marcha, o seu desenlace.

Urge que todos nós procuremos as causas d'este descontentamento, as causas d'este estado de cousas; urge que todos nós procuremos dar resposta á Sphinge, que procuremos arrancar-lhe o seu segredo.

A riqueza, este saque feito á sociedade, feito á natureza, colloca hoje, mais que em outros tempos, os homens em opposição. Entrechocam-se as pretensões, as paixões agitam-se, a guerra ameaça-nos.

Antes de nós, um grande numero de escriptores de penna d'ouro e reconheceram; Thury, Allier, Benoit Malon, Gide, sr. dr. Affonso Costa, etc., o reconheceram.

Esta riqueza mesmo, origem d'essa opposição forçada entre os homens, d'essa agitação de paixões, d'essa ameaça de guerra, é um dos factores do mal estar a que já nos referimos.

Pessoas ha para quem a chama chamada da Questão Social não existe.

Individuos ha, exasperados, invejosos, que, não tendo bastante fortuna para procurarem os gosos que elles queriam alcançar sem esforço, vão até á destruição da ordem estabelecida, na esperança de modificarem, em seu favor, a repartição das riquezas, desapossando unica e simplesmente aquelles que as teem. Individuos ha que, para se conservarem no poder ou o adquirirem, se apoderam d'estas questões, arrogam uma popularidade facil, fazem mil promessas, que não cumprem, que não pôdem cumprir. Veem depois os utopistas com as suas metaphysicas e concepções sempre impossiveis de se realisarem.

Por ultimo veem os homens de coração, cheios de vontade, sequiosos do bem estar social, que pedem, instam, reclamam, revolucionam.

Dos individuos que admittem a existencia da «questão social» pôdem formar-se, como vemos, quatro grupos:

Os primeiros, são todos os *lazzaroni* que por ali vagabundeiam, mundo além, cafila horrivel de «ousados e impudentes exploradores».

Os segundos, são as nullidades que se vergam, como vimos, a todos os ventos: são os *eventualistas*.

Os terceiros, são homens quasi sempre de talento obcecados por as desgraças sociaes: são St. Simon, Fourier, Blanqui, Just e etc.

Os quartos, são todos aquelles que vendo o lado positivo da sociedade, a gangrena que a corroe, a infamia que a envenena, se levantam em prol da humanidade.

Estes dividem-se ainda em *possibilistas*, *revolucionarios* e *moralisto-evolucionistas*.

Antes de mais nada, permiti-me, ainda, que vos diga que uma parte das afirmações dos utopistas são na realidade verdadeiras.

«É certo, diz M. Neker, que estas diversas afirmações encerram uma grande parte de verdade, é bem facil apresentar numerosos exemplos. Mas, das afirmações que em muitos casos são verdadeiras, haverá algumas que o são sempre, e não haverá, como diz o professor M. Secretan (*Etudes Sociales*), não individuos isolados, mas uma classe de homens cuja condição seja incompativel com o seu desenvolvimento physico e moral e o condemne irremissivelmente ao soffrimento?»

Existem na realidade centenas de irmãos nossos, acorrentados pela grilheta da fome — homens sem lar, filhos sem pae, paes sem darem que

comer aos filhos; os famintos contam-se aos milhares; milhões de obreiros sem trabalho parasitam, vegetam, por esse mundo fóra.

A miseria, a fome, os andrajos correm por esses campos e cidades; avalia-se «em dezenas de milhares o numero d'aquelles que vagabundeiam de cidade em cidade, como diz Kropotkine, mendigando, ou s'amotinam para reclamarem, com ameaças, *trabalho ou pão!* Como os camponeses em 1787 vagabundiavam pelos caminhos aos milhares, sem acharem no rico solo da França, abarcado pelos aristocratas, um lote de terra para cultivar e uma enchada para a remover, — assim tambem hoje, o obreiro fica de braços crusados, sem achar a materia prima e os instrumentos necessarios para produzir, mas açambarcados por um pequeno numero de ociosos.

«Grandes industrias mortas por entorpecimento, grandes cidades, como Sheffield, tornadas desertas. Miseria em Inglaterra, sobretudo em Inglaterra, porque é ahi que os «economistas» teem feito melhor applicação dos seus principios; a miseria na Alsacia; a fome em Hespanha, na Italia. Falta de trabalho por toda a parte; e com a falta de trabalho, os apuros ou antes a miseria: os filhos lividos, a mulher envelhecida cinco annos; em um inverno; as doenças devastando as fileiras operarias, — eis ahi ao que nós chegamos com o seu regimen.

«E veem-nos elles fallar em excesso de producção!

«Excesso de producção? Quando o menor que empilha montões de hulha tem que pagar o fogo no auge do inverno? Quando o tecelão que tece kilometros de panno, tem de recusar uma camisa aos seus filhos esfarrapados? Quando o pedreiro que constroe palacios, habita em um casebre, e a obreira, que faz maravilhas para bonecas vestidas, tem apenas um chale esburacado para a preservar contra as intemperies?

«É isto o que elles chamam organisação da industria? Dir-se-hia melhor a alliança secreta dos capitaes para dominar o obreiro pela fome.»

Eis a realidade; estamos em uma situação difficil, cheia d'angustias para uma classe que soffre, a maior parte das vezes independentemente da sua vontade, sem que ella d'isso seja responsavel.

D'aqui resulta um mal estar, um descontentamento continuo e legitimo, fido d'este estado de cousas que não dá a cada um o stritamente necessario para fazer face ás suas necessidades as mais urgentes. Como bem diz M. Secstan, estas reclamações não são gratuitas, filhas da inveja, do desejo de ganhar, é a propria realidade do soffrimento, da necessidade. Por um lado, habitações, nutrição e fado, não correspondem ás necessidades d'uma

população robusta; por o outro, a natureza do trabalho e a sua duração suprimem a vida da familia, impedem o desenvolvimento intellectual e fomentam a corrupção.

Quando M. Lacheret diz, referindo-se á escravatura: «A hora chega entretanto em que, apesar de todos os interesses e de todos os sophismas, apesar de todos os prejuizos de raças e de todas as paixões coalisadas, a instituição maldita cabiu para não mais se levantar», é menos positivo.

Os Wilberforce e os Buxton, os Beecher-Stowe e os Lincoln não acabaram, ainda, com o movimento iniciado ha 18 seculos; a escravatura existe, e existem duas especies de escravatura: a negra e a branca.

Em breve trataremos de cada uma d'estas especies de escravatura.

COSTA CABRAL.

## Uma nação póde florescer sem soldados

(Resposta á critica do sr. Thomaz Dias)

Cumpre-nos em primeiro logar frisar o sentido da phrase escripta no nosso artigo do primeiro numero d'esta revista, que serve agora d'epigraphe.

Entendemos agora que uma nação vive melhor — *sem soldados*, quer dizer — *sem exercito permanente*.

Sendo leigo na materia aventaremos no entanto a nossa humilde opinião sobre a organização militar que se resume: — *nenhum homem seja soldado e todos sejam soldados*.

A nosso vêr o exercito permanente tem os seguintes inconvenientes:

Demanda grandes quantias para a sua sustentação, tira braços á agricultura e ás industrias, origina a miseria em muitas familias e faz perder a muitos o amor pelo trabalho.

Além d'estes, ha um outro que ligaremos á critica do sr. Thomaz Dias, começando pelo fim.

Diz este senhor:

«D'aquí a milhares de annos ainda as fardas vistosas dos proscritos de Marte farão os encantos das formosas — *houris*».

Francamente. Ou o sr. Thomaz Dias queria divertir-se ou está desorientado no trilho das suas ideias a respeito d'este assumpto.

Creio que ouviu, ha tempo, a pessoa bastante auctorisada, que a primeira coisa a fazer para tornar a sociedade a um melhor estado — é restituir-lhe a moralidade que quasi totalmente perdeu.

Pois bem. Quer vêr que resultados dá a vida de soldado a este respeito?

As auctoridades vão arrancar ao seio das aldeias os homens de, pouco mais ou menos, 20 annos.

O *galucho*, permitta-se-nos a giria militar, que vem dos campos, é casto, ingenuo, não sabe dizer uma obscenidade, não tem um pensamento mau, — é um *ignorante*.

Veja-se, passado um anno de convivencia, no ambiente vicioso das casernas.

Tem uma conversa horrivel; ouve uns velhos rifões populares, rima com elles uma phrase obscena; toma ares impertinentes e, ageitando maneiras garbosas, ostenta, pelas praças, ruas e mercados de viveres — a farda vistosa, d'estontear as formosas *houris*.

E as *houris* vão parar depois á lama da prostituição.

Voltemos com elle, nós e o sr. Dias, até á aldeia natal.

Ahi, introduz a obscenidade mais revoltante ainda do que a que miasma os bordeis, *instrue* os novos, e tambem encanta — *houris*.

Agora tractemos do seu exemplo, da Allemanha — «o paiz da sciencia e da industria, o paiz essencialmente socialista onde, a todo o momento, surgem novas descobertas em beneficio da guerra, onde os arsenaes se acham repletos de milhares d'homens» —, e fallemos tambem um pouquinho da França — paiz tambem socialista, de sciencia e industria talvez maiores do que as da Allemanha, onde surgem descobertas em beneficio da guerra e onde os arsenaes se encontram repletos de milhares de homens.

Sabe o que se dá entre estas nações, as melhores da Europa e talvez do Mundo.

Vamos dizer-lho: é a — Alsacia-Lorena.

Sabe o que, para a França, representa essa provincia tão querida?

Rios de sangue e rios d'ouro, a quebra da sua integridade territorial e — *Sedan*.

Sabe o que é para as duas nações?

O pomo da Discordia.

De um lado, ha o luto de muitas famílias, a miseria, as lagrimas, uma mancha negra... , negra... , um odio de muitos seculos e milhares d'esqueletos, com mortalhas esburacadas por balas, clamando ao ceu — *Vingança!!!*

Do outro, ha um odio por egual intenso e antigo que só no futuro, muitos seculos extinguirão; a consciencia da culpa e de que ha de chegar a vingança, terrivel, de muito sangue.

A nação que está no primeiro caso é a França, que tem muitos socialistas, muitos propagadores da Paz e muitos arsenaes; o que occupa o segundo, é a Allemanha — «o paiz da sciencia e da industria, o paiz essencialmente socialista, onde a todo o momento surgem novas descobertas em beneficio da guerra, onde os arsenaes se acham repletos de milhares de homens».

Agora vejamos a attitude dos socialistas d'ambas as nações.

Não remontemos alem do anno de 1896.

Sabe o que fizeram os socialistas frâncezes e os seus jornaes na occasião e antes da visita do Despota de todas as Russias?

Hostilizarão as manifestações, quando em projecto, e não se manifestaram, como os outros homens e os outros jornaes, quando se effectuaram.

E os socialistas allemães?

Hostilizarão essas mesmas manifestações, não por odio ou medo a francez e russos, mas por serem — *propagadores da Paz*.

Falla ainda o sr. Dias.

«Para que uma nação pudesse florescer sem soldados, seria necessario, que os homens que formam essa collectividade a que chamam nação, tivessem uma alma tão bem formada, que o altruismo fosse a *primeira virtude*».

Não vamos muito longe; vamos á Suissa, que, como deve saber, não tem exercito permanente.

Na Suissa, a primeira virtude de todos os homens é o altruismo?

Não. Na Suissa ha, como em Portugal — uns poucos d'altruistas.

No emtanto, vive no meio de grandes potentados e, o que é mais, — *floresce*.

O exercito permanente só serve numa nação em que um regimen velho ou criminoso periclita, em que os criminosos d'esse regimen temem a *justa Revolução*, e temos neste caso Portugal; ou quando ha um odio mutuo entre nações de forças quasi eguaes, não para fazerem a guerra, mas para se manterem em mutuo respeito, como entre a França e a Allemanha.

Julgamos que o melhor meio para extinguir o odio entre estas duas nações era a abolição dos exercitos permanentes que lhes consomem uma grande parte das receitas e a restituição da Alsacia.

Convença-se, o sr. Thomaz Dias e todos — *uma nação pôde florescer sem exercito permanente*.

A. CARLOS BORGES.

## UTOPIAS

Voltemos ao assumpto :

No meu ultimo artigo terminava por dizer, que d'aqui a milhares de annos ainda o exercito seria um dos primeiros elementos das nações.

É factó.

Comparando as differentes epocas que têm presidido na vida das nações, vemos, que o militarismo não tem decahido, antes tem procurado elementos para tornar mais *proficua* a sua acção.

Disse «*proficua*» e não me enganei.

*Belime* diz no seu tratado de *Philosophie du droit* :

«La guerre n'est faite que pour amener la paix ; elle n'est pas faite aux particuliers, mais au gouvernement. Voilà les deux principes dont il faut partir pour savoir ce que l'etat de guerre autorise.»

Este periodo de *Belime* seria o sufficiente para provar a necessidade do elemento militar.

A alma do homem essencialmente egoista é levada pela necessidade da sua constituição a procurar, sejam quaes fôrem os meios empregados, tudo quanto a satisfaça.

Vae, arrastada pelo poderio d'essa influencia fatal, cega, coacta, procurar a luta.

É necessario reagir.

Muitas vezes a intelligencia manifestada pela palavra torna-se impotente perante o estado psychico do inimigo.

Emprega-se a força, mas a força bruta.

Eis a guerra trabalhando em prol da paz.

Ás nações, formadas pela reunião de muitos individuos, ataca a mesma influencia, porém, em grau mais elevado.

Vejamos a Italia.

Cega pelo desejo das conquistas, eil-a hoje chorando lagrimas de raiva e dôr sobre os tumulos de seus soldados.

Menelik, o chefe de uma nação quasi selvatica, possui uma alma bem *fin de siecle*.

Com que delicadeza e generosidade elle tratou os vencidos de Aduah !  
Não obstante, fez-lhe guerra.

Para quê ?

Para os trazer á paz, para lhes fazer vêr, que não é impunemente que se é egoísta.

E, hoje a Italia, o paiz da arte, reconhece de quantas desgraças foi causa o seu orgulho de conquistadora.

*Martens*, no *Précis du droit des gens*, define a guerra: «Un etat permanent de violences indéterminées»; *Pinheiro Ferreira* para desligar a ideia de crueldade da de destruição define-a «L'art de paralyser les forces l'ennemie».

*Belime* achando esta ultima definição simples de mais por não indicar qual o fim da guerra definiu-a: «L'art de forcer le gouvernement ennemie à faire une paix juste».

É effectivamente esta definição, aquella que mais legalmente devia ser admittida, porém, encontram-se facilmente factos contradictorios: As nações podem declarar guerra, sem que para isso tenham razões dentro dos limites da justiça?

Podem.

Haja em vista a Italia.

Será, porém, legal essa declaração?

Não, porque não é justa.

\* \* \*

Reconhecendo a necessidade do exercito, sou contrario á guerra.

A vida do exercito é um principio economico, pois, que anima as artes e industrias, não só pelo fabrico dos armamentos, como tambem sustenta e apoia a sua integridade.

A existencia da guerra é um meio de destruição, principio contrario á Economia social. Porém, a ideia de exercito sugere a de guerra, e, como uma sem outra não pode existir, segue-se que a necessidade dos exercitos nos faz prevêr lutas futuras.

(Continua)

Coimbra,

THOMAZ DIAS.

CRITICA

## Silva Mendes e Ferreira Lemos

(CONTINUAÇÃO DO N.º 1)

Lemos já mais d'uma vez o livro d'este auctor, comparamos as suas doutrinas com as dos sacerdotes do *Anarchismo* e estamos vendo ainda as ultimas paginas do *Socialismo Libertario* para com mais conhecimento da causa escrevermos algumas linhas.

Vejamus agora a *Argus*, nossa collega, e a *critica* do sr. Lemos:

«O nome do auctor influe na apreciação imparcial que deve fazer-se ao livro? Não.»

Por certo, nem o sr. Silva Mendes quer entrar no numero dos indiscutíveis, que são os despresados, nem o nome d'um homem influe, hoje, na acceitação d'uma eschola, d'um principio, d'uma idea; o que resta é que essa apreciação seja *imparcial* e feita tambem por um *imparcial*.

O sr. Ferreira Lemos, a quem tambem não temos a honra de conhecer, insurge-se, «se bem que affinidades estreitas, o liguem á concepção philosophica-anarchista, porque o sr. Mendes, mentiu ao ideal anarchista, porque o não defende—*expõe*».

É exactamente por o sr. Ferreira Lemos se achar ligado por affinidades estreitas ao *Anarchismo*, que lhe parece que o sr. Mendes *mentiu* ao ideal anarchista; é exactamente por o sr. Lemos não ser imparcial que lhe parece pouco o que o sr. Mendes escreveu.

O sr. Ferreira Lemos, director scientifico d'uma revista, permitta-nos que lhe digamos que tem lido pouco os auctores que estão tambem ligados, por elos fortissimos, ao seu ideal; não se lembra o sr. Lemos que a exposição simples e nitida d'um principio é a forma segura de a radicar nos corações.

Silva Mendes procedeu assim, não louvando nem formando Ravachoes, Caserios, etc., mas accusando a sociedade.

Como o sr. Lemos diz que se ha de referir de novo ao livro do sr. Mendes, teremos occasião de ver as suas provas.

Nós que não somos anarchistas, que nos não encontramos ligados a essa concepção philosophica, que não conhecemos os srs. Mendes e Lemos, seremos imparciaes quanto possamos e preciso quanto saibamos.

Porto

LUIZ DUARTE,

PARTE LITTERARIA

## PEQUENINA!

Quando te beijo, Maria,  
A boca de tangerina  
Meus labios sabem-me a dia,  
Pequenina.

E toma-me um pesadelo  
Se em teu corpo — roca fina —  
Penso em fiar teu cabelo,  
Pequenina.

E, Alma que esta Alma ama,  
Tens pena, rosa divina,  
Se, sorrindo, alguém te chama  
Pequenina.

Mas pequeno é o sol na altura  
E grande só se declina;  
Curta, pequena é a ventura,  
Pequenina.

Pequeno é o riso sereno  
Da tua boca assassina  
E o coração é pequeno  
Pequenina

E só é grande na altura  
A velha lua opalina  
Quando é cheia... d'amargura,  
Pequenina.

Ao Ceu ergue a face clara  
Nos astros lê tua sina,  
Mas olha-os sem sobresaltos  
E, os mais pequenos, repara  
Que são os astros mais altos...

E que alta que és, Pequenina!

GUEDES TEIXEIRA.



# A SOCIAL

REVISTA QUINZENAL D'ESTUDOS SOCIAES

Homenagem ao insigne lente da Universidade de Coimbra

O SR.

**Dr. Guilherme Alves Moreira**

SUMMARIO

Dr. Guilherme Alves Moreira—*A Redacção.*

Dr. Alves Moreira—*Costa Cabral.*

PARTE SCIENTIFICA—Secção doutrinaria—Confrontos  
—*Jacinto Nunes.* A União Livre—*Magalhães Lima.* O futuro da Península—*Gonçalves Cerejeira.* A questão social—*Costa Cabral.* Critica—Respondendo—*Carlos Borges.*

PARTE LITTERARIA—Saudade—*Carlos Borges.*

## Dr. Guilherme Alves Moreira

A cidade de Coimbra teve ha dias occasião de ver como a academia d'esta cidade «*sempre generosa e sempre digna*» conhece o que é justiça, o que é dignidade.

Referimo-nos ao facto da elevação do Dr. Alves Moreira á dignidade de cathedratico.

Não foi só a academia, foi a cidade inteira, sem distincções de partidos, sem distincções de classes.

E' indiscriptivel o enthusiasmo despertado nos corações de todos os que conhecem o novel cathedratico ao saberem a sua recente promoção.

A academia de Coimbra não tremeu em presença dos sabres da policia, como não temeria a presença das espadas ou o cano das espingardas.

Uma barricada, então, seria a tribuna da eloquencia da mocidade, posto que inflamada pelo baquear dos corpos dos companheiros de casa, dos amigos das orgias, dos irmãos das bancadas das escolas.

Animava-a o sentimento da justiça que havia sido feita a um seu Lente, a um seu Amigo.

Se lhe pedissem que os seus protestos d'estima sahissem pela bocca das espingardas, ella seria capaz de os fazer ouvir bem alto e escrevel-os depois a tinta bem rubra; é assim o Povo quando faz justiça.

Dar-se-hia isto com qualquer outro homem que comnosco vivesse, e digo comnosco, porque tambem somos estudantes?

Não, por certo; a alma academica, de mistura com a da cidade, vibrou bem alto; os Lentes Democratas, os Drs. Guilherme Moreira e Affonso Costa, foram os seus festejados.

A Democracia está no animo de todos.

O Dr. Alves Moreira impõe-se-nos não só pelo seu saber, o seu fino trato e o seu peito generoso; impõe-se-nos porque caminha na senda do progresso, porque representa a alma do Povo, porque tem a seu lado a academia, como esta o tem a elle.

Esta revista, que a pg. 27 levantou o seu protesto contra a prepotencia de que o sabio Lente estava sendo victima, vem hoje dedicar-lhe este modestissimo numero, festejando-se assim e repetindo os protestos de estima que lhe vota e os parabens que lhe endereçou.

.....

.....

Na devida manifestação que foi feita ao novel cathedratico vibrou d'entusiasmo a alma academica, erguendo tambem em seus braços o seu companheiro d'hontem, o Mestre d'hoje, o sabio d'ámanhã, o Dr. Affonso Costa; porque elle representa o dia d'ámanhã, o sonho d'algum dia.

A academia estendeu as capas aos pés do sr. Dr. Guilherme Moreira, arrancou das pastas as fitas para lhe offerecer; resta

agora que as lições de probidade e independencia do Mestre sejam aproveitadas, que essas capas não sejam ámanhã o tapete d'Ali-Babá e as fitas as bandas que hão de servir para o representar, que haja coherencia em todos os actos.

No abraço que o festejado deu ao Dr. Bernardino Machado ia a esperança d'hontem com a realidade d'ámanhã; na apothese feita por a academia vae a realidade d'ámanhã com a esperança no futuro.

A Redacção.

---

## Dr. Alves Moreira

Character limpido, alma serena, espirito que se não verga ás imposições de ninguem, eis o que é o Dr. Alves Moreira.

Do alto da cathedra, com essa affabilidade que lhe é peculiar, elle fórma almas, educa os homens d'amanhã; na imprensa, com essa mestria que o distingue, elle préga um Evangelho a todos caro, derrama a luz, impõe-se nos pelo saber; na vida particular, com essa hombridade que o torna digno da estima de todos, elle é o amigo dedicado, a alma dos seus amigos, de todos os que o conhecem, por que Alves Moreira não tem inimigos.

Mordeu-o um homem, não guerreou o Dr. Alves Moreira; espojou-se na lama da mesquinhez e quiz deter a marcha d'um Principio que elle mesmo advogou, de que elle foi strenuo defensor; a integridade do character do Dr. Alves Moreira fazia-lhe mal; faccioso, julgou os outros por elle, multou o Dr. Alves Moreira n'uns centos de mil réis; mesquinhez!

O Dr. Alves Moreira está lhe superior, portanto zombou d'esse misero processo e marchou ávante; o futuro pertence-lhe.

Que resta do abocanhar do João Franco?

A consciencia collectiva da sua alma pequenina.

Que resta da tenacidade do Dr. Alves Moreira?

A admiração d'um paiz inteiro, a apothese que a mocidade de Coimbra e o povo d'esta cidade lhe fizeram.

Que o João Franco se glorie com os restos da sua obra; o Dr. Alves Moreira sente-se glorificado por todos os peitos.

Entre os protestos de estima que o Dr. Alves Moreira tem recebido deve-se encontrar o preito d'homenagem do seu mais infimo admirador

COSTA CABRAL.

## Secção doutrinaria

### CONFRONTOS

O *anarchismo* e o *collectivismo* divergem profundamente—é certo—na sua critica positiva, ou organica; marcham porém parallelamente na sua critica negativa, ou demolidora do existente.

Porque, se as duas escolas discordam por completo nos seus planos, vagamente delineados, d'organisação social, estão comtudo de perfeito accordo no destino a darem á ordem de coisas estabelecida, e que é nem mais nem menos que a sua eliminacão.

São pois tanto os *anarchistas*, como os *collectivistas*, inimigos declarados da actual organisação social, e com ella irreconciliaveis.

Será isto motivo sufficiente e justificado para os representantes e defensores do estado de coisas existente estabelecerem leis d'excepção, leis de verdadeiro exterminio contra os sectarios d'uma e outra escola?

A nossa resposta á interrogacão é peremptoria:

Não! E seja qual fôr a natureza dos processos, ou meios d'acção, que uns ou outros applicuem.

E eis porque:

Em quanto os apóstolos dos novos ideaes se mantiverem dentro dos limites dos meios suasorios, ou de propaganda pacifica, teem direito a ser respeitadas. Fazer proselytismo é uma consequencia necessaria da liberdade de pensar e de discutir.

E, por outro lado, as idéas, boas, ou más, não se combatem com as armas da violencia, mas com as da rasão, e com ontras idéas. A perseguição só consegue pô-las em fóco, e tornal-as mais sympathicas e vigorosas.

A historia é a este respeito eloquentissima.

O que porém não pode, nem deve ser permittido é a denominada «propaganda pelo facto», ou ella seja obra d'allucinados, como Pascal, Emilio Henry, e tantos outros, ou de malfeitores do peór especie, como Ravachol.

Por que destruir brutalmente, e como que ás cegas, ou ao acaso, sem proveito para ninguem, vidas humanas, e valores mais ou menos consideraveis, que tantos esforços e sacrificios poderiam custar, não é fazer acto d'opinião, e menos ainda de proselytismo, mas pura e simplesmente de selvageria e de ferocidade, singularmente monstruosas.

Importa pois reprimir com severidade estes perigosos e sinistros *iconoclastas*. Para isso porém não é necessario recorrer a leis d'excepção, sempre odiosas, e suspeitas de *vindicta social*. Basta applicar-lhes a lei commum, o codigo penal, por que n'elle se encontram prevenidas todas as hypotheses, em que pode traduzir-se, ou desdobrar-se, a *propaganda pelo facto*.

E' certo porém que alguns estados europeus teem feito leis d'excepção, e especialmente contra os sectarios do *anarchismo*. E o governo do sr. D. Carlos de Bragança, que em questões de repressão está sempre prompto para macaquear o estrangeiro, fez tambem sancionar pelo pseudo-parlamento uma lei, que vae muito alem dos seus modelos. Por que a lei de 13 de fevereiro de 1896 contra os partidarios do *anarchismo*, alem de comprehender factos anteriores—o que é uma monstruosidade em direito penal—priva os delinquentes das garantias do jury, e entrega-os, depois d'alguns mezes de prisão, ao governo, para este os enviar, como se fossem fêras, para as plagas inhospitas e mortíferas da Africa oriental, ou de Timôr.

E o que é verdadeiramente abominavel é que a lei referida, obra de gente ignorante e apavorada, não faz segura distincção entre o *anarchismo* theorico, ou de propaganda pacifica, e o *anarchismo* violento e selvagem. E assim os juizes de direito, que em regra optam pelo peór, votam a um mesmo exterminio os que aspiram á eliminacção de todas as instituições oppressivas e os que pretendem destruir pela violencia a ordem de coisas estabelecida.

Mas porque é que o governo se lembrou sómente dos *anarchistas*? Se a rasão determinante da lei foi a defeza da actual organisação social, por que não abrangeria n'ella os *collectivistas*?

Se na sua critica negativa o *anarchismo* scientifico se não distingue do *collectivismo*, algum pensamento secreto teriam os chamados poderes publicos para visarem sómente os *anarchistas*.

A nosso ver, a explicação do exclusivismo é esta:

Os anarchistas, profundamente convencidos de que o estado tem sido e será sempre um poderoso instrumento d'opressão e exploração social, querem a reducção gradual e successiva das suas funcções até á sua completa extincção. Por que só assim—entendem elles—ficará desaffrontada a liberdade individual, e melhor assegurados os interesses de cada um.

Os *collectivistas*, pelo contrario, querem que o estado continue a alargar a sua esphera d'acção até absorver por completo a liberdade e iniciativa individual, e assumir as collossaes e monstruosas proporções da *panarchia*, o pólo opposto da *anarchia*.

Ora as classes governantes, para melhor assegurarem o seu predomínio, e a odiosa exploração economica que exercem sobre as classes governadas, propendem sempre para a extensão illimitada das attribuições do estado.

D'esta communitade de vistas derivam as mal disfarçadas sympathias dos detentores do poder pelos *collectivistas*.

Não foi *Lassalle* o inspirador de Bismarck na applicação que este fez do *socialismo do estado*? Não foi o sr. Augusto Fuschini, *collectivista* confesso, chamado aos conselhos da corôa?...

Tudo isto explica—repetimos—a benevolencia da referida lei de 13 de fevereiro de 1896 para com os sectarios do *collectivismo*.

Não concluiremos sem prevenirmos uns reparos que os termos d'este artigo poderão suscitar; e vem a ser: que não pensámos sequer em dar aos anarchistas o conforto da companhia *collectivista*. O que estava no nosso pensamento era simplesmente isto: que as leis d'excepção, como a de 13 de fevereiro de 1896, não visam a defender a sociedade, mas os interesses illegitimos das classes governantes. Por que para defeza da sociedade bastam as medidas geraes de segurança publica.

JACINTHO NUNES.

---

Deus, a Sciencia e a Liberdade não reconhecem fronteiras, não as reconheçamos nós tambem, queremos ser livres.

A animalidade é livre por natureza, para que havemos nós de limitar essa Liberdade?

## A União livre

O feminismo está, por toda a parte, na ordem do dia. O movimento em favor dos direitos da mulher está tomando hoje proporções extraordinárias, sobretudo nos Estados Unidos da America e na Inglaterra, onde as sociedades femininas se tem multiplicado e onde a campanha se tem accentuado de um modo firme, progressivo e radical.

De todas as questões feministas a que mais preoccupa os espiritos e aquella que mais se tem prestado ás discussões e á polemica, é a união livre. Todos estão de accordo em que a familia actual não assenta sobre bases de justiça e de egualdade e carece de uma completa reforma. As soluções, porém, é que variam.

Será possível ás novas sociedades conservar o casamento sob a sua forma actual?

A esta pergunta respondem os sociologos de differentes modos. Uns «reclamam a abolição do velho casamento legal e a sua substituição pela união livre»; outros desejam simplesmente «introduzir a justiça no casamento». A questão capital para a mulher é o casamento: introduzamos a justiça no casamento—dizia Emile Accolas.

A necessidade de abolir os artigos do código civil que consagram a escravidão da mulher, é evidente. O poder marital tem de ser limitado e restringido. A egualdade dos esposos perante a lei, é proclamada por todos os que sinceramente pugnam e se interessam pela emancipação feminina. O proprio Herbert Spencer que é insuspeito, por ter combatido durante muito tempo o feminismo, já ultimamente manifestou as suas sympathias pelas reivindicações femininas. Augusto Bebel, cujo livro <sup>(1)</sup> tem servido de programma aos socialistas da mesma escola, escreveu o seguinte: «A mulher da nova sociedade será social e economicamente independente: não ficará mais submettida a qualquer apparencia sequer de authority e exploração; em face do homem, occupará um logar de absoluta liberdade e de absoluta egualdade, tornando-se senhora da sua sorte.»

O casamento actual, em vez de ser uma união, é antes, segundo as nossas leis, a subordinação da mulher á tyrannia do marido. A reforma é,

(1) Augusto Bebel — *A mulher e o socialismo.*

pois, urgente e impreterível. O homem, por via de regra, não procura uma mulher, procura uma fortuna. O lado mercantil dos casamentos actuaes é um facto que ninguem desconhece. A sua origem está na herança. E, por isso, pensam muito bem certos authores da escola socialista mais avançada que o unico meio de libertar a familia, tornando-a feliz e independente, é a supressão do casamento e da herança e a proclamação da união livre.

Só o amor póde legitimar estas uniões, sem que para isso haja a minima necessidade da intervenção de um funcionario qualquer. Sabe-se como Karl Marx e Elisée Reclus casaram as suas filhas. Pois não é muito mais racional, muito mais digno e muito mais nobre a legitimação d'estas uniões feita pelo proprio pae do que pelo padre ou por um administrador de concelho?

O unico argumento que se invoca contra a união livre, é a procreação e a educação dos filhos. Mas a familia, em ultima analyse, compõe-se de marido e mulher. Os filhos pertencem á communa e ao Estado. São cidadãos. Com a abolição das heranças, constituir-se-ha um fundo de educação nacional. D'este modo succederá que, em vez de ser um privilegio dos ricos e abastados, como até hoje tem sido, a educação se tornará igual para todos. E que ninguem se arreceie das nossa palavras. A abolição da herança em linha collateral está hoje adoptada por todos os programmas radicaes. A abolição da herança em linha recta tornar-se-ha um facto tambem. É uma questão de tempo. No imposto progressivo sobre o rendimento, preceitua-se o seguinte: Alem de um certo rendimento (500\$000 réis ou 1:000\$000 réis, por exemplo) todos serão obrigados a pagar tantos por cento para o Estado. Quem poderá estranhar que se preceitue, de modo analogo, relativamente ás heranças? Ninguem poderá herdar mais de . . . . . Tolhe-se assim a liberdade individual, dizem. Mas a liberdade de cada um não póde ir até ao ponto de lesar a liberdade dos seus semelhantes. Provado, como está, que as enormes fortunas accumuladas são constituídas «pelo trabalho não pago», e que a unica base legitima da propriedade é o trabalho, claro está que, dando um limite á herança, não só se não tolhe a liberdade individual, como até se harmonisa o interesse de cada um com o interesse de todos.

Em resumo: avançados e moderados, todos estão de accordo que a familia, tal qual existe, é imperfeita, incompleta, e carece de uma reforma radical, no interesse economico e moral de ambos os sexos. O casamento actual representa a escravidão da mulher e a tyrannia do marido. Para reformar a familia, torna se pois, necessario abolir o casamento e a herança.

Os filhos serão educados pela communa ou pelo Estado. E pela supressão da herança, constituir-se-há o fundo da educação nacional, de modo a attenuar e a fazer desaparecer as desigualdades sociaes que d'ahi derivam.  
Lisboa, 1897.

MAGALHÃES LIMA.

---

## O futuro da Peninsula

(Continuação)

Vem de molde notar aqui um incidente que, a proposito do assumpto de que nos vimos occupando, surgiu ha dias na vida interna do partido republicano portuguez. Referimo-nos á sensata moção apresentada, em 31 de janeiro ultimo, pelo sr. dr. João de Menezes, n'uma reunião do *Grupo Republicano de Estudos Sociaes*. Esta moção, suggerida ao sr. dr. João de Menezes por umas palavras de Salmeron pronunciadas em um comicio de Alicante, e assignada tambem pelos correligionarios Brito Camacho e Joaquim Madureira, foi approvada por aclamação; e é do theor seguinte:

«O *Grupo Republicano de Estudos Sociaes*: considerando que não podem subsistir antigas dissensões que, em determinadas circumstancias, a monarchia fomentou entre Portugal e Hespanha; mas considerando tambem que são de todo o ponto anti-patrioticas as tentativas ibericas, egualmente em certas circumstancias premeditadas pela monarchia, afirma que não pode acceitar qualquer pacto onde não estejam claramente consignadas a absoluta integridade e independencia da futura Republica Portugueza.»

Certamente que apoiamos com toda a força esta moção e de sobejo o comprova a nossa attitude advogando a *federação*, contra a *união iberica*. Não queira ninguem vêr discordancia ou opposição entre o nosso modo-de-vêr aqui manifestado e a doutrina, em synthese, n'aquella moção consignada. O proprio sr. João de Menezes prevê e denuncia, como nós, o perigo como provindo da monarchia, para obviâr ao qual se nos impõe a proclamação da Republica. E o *Grupo Republicano de Estudos Sociaes*, á frente do qual está esse homem superior, que se chama Theophilo Braga e é um dos mais calorosos federalistas, teve uma feliz perspicacia, suscitando e alliciando os espiritos pensantes da democracia e do povo portuguez para o debate e aclamação d'estas questões, que mais affectam a vitalidade organica da

nossa nacionalidade e sobre as quaes ha, em grande parte, uma confusão e uma serie de equívocos no modo-de-vêr de muita gente.

Com certeza, Salmeron, um espirito verdadeiramente philosophico, um character austero e um coração altruista, não vae tão longe, nas suas opiniões, até pretender a absorpção de Portugal pela Hespanha. Simplesmente, sendo elle um republicano centralista, pensa na—*reconstituição da velha Hespanha pela reintegração de todas as provincias*. N'essa aspiração do seu espirito, inclue tambem, portanto, Portugal, n'essa reintegração de provincias, o que implica um erro historico, porque Portugal, como corpo de nação, differenciou-se, pela independencia, da Hespanha, quando esta era ainda um cahos, como na tal reunião do *Grupo de Estudos Sociaes* bem claramente o demonstrou o sr. Basilio Telles. E', pois, a essa doutrina centralista que nós oppomos o federalismo, sem discreparmos, portanto, da moção do sr. dr. João de Menezes. Todavía, perfilhamos a opinião do sr. dr. José Benevides, considerando o sr. Salmeron como um grande amigo de Portugal, muito intelligente, muito prudente politico e ao mesmo tempo muito altruista para querer o sacrificio d'uma nacionalidade com todos os elementos de vida propria.

Não é, por consequencia, dos republicanos portuguezes ou dos hespanhoes que nós devemos recear o perigo. E' da monarchia, do interesse dos reis, cujo sonho doirado tem sido muitas vezes a unificação das duas nações, n'um imperio grandioso, sob a mesma forma real. Isto é que é um absurdo e um perigo; isto é que é o *iberismo*, a *união ibérica*; contra isto é que protesta a moção apresentada no *Grupo* dos republicanos portuguezes. O que nós queremos é garantir, precisamente, a independencia, a autonomia, a liberdade dos Estados peninsulares, o que só pode conseguir-se, d'uma fórma effectiva, pelo federalismo, que advogamos, e que é tambem o ideal de, entre outros, Pi y Margall e Raphael Labra na Hespanha, e Theophilo Braga e Magalhães Lima em Portugal. A federação ibérica não pode ser outra coisa; e só a Republica a pode garantir, protegendo a autonomia estadual, nunca a monarchia, cujo ideal é a absorção centralista, n'um hybridismo unitarismo.

\*

Como diz Magalhães Lima na sua obra *La Fédération Ibérique*, a Federação tem tido até hoje um poderoso inimigo: é o interesse dynastico. Pois bem. Se camarilhas corruptas, orientadas pela mesma fórma de governo, já condemnada, opprimem os dois povos visinhos, abysmando-os n'um pelago

de iniquidades e calamitosas miserias, plausivel é que esses povos, feridos pela mesma desgraça, se estendam mutuamente as mãos para assignarem espontaneamente um pacto de estreita alliança, que em nada melindre o cultualismo da autonomia de cada uma das duas patrias, e a que só pode dar realisação pratica uma Republica Federal bem organisada e solidamente constituida. Perante os horriveis desastres que entenebrecem, por agora, o horisonte da Hespanha, e igualmente o de Portugal, é esta a solução que nos parece mais efficaz e viavel, para o resurgimento da Peninsula no influxo preponderante da occidentalidade sobre os destinos da Europa e do mundo.

Sob a pressão odiosa de caprichos e interesses dynasticos, pela aproximação dos monarchas da Peninsula, como varias vezes o tem tentado, periga gravemente a independencia respectiva das duas nacionalidades, por que a tyrannia dos reis assenta sobre as armas pretorianas, que os escudam na absorpção de poderes com caracter inteiramente centralista. Sob a fórmula republicana, porém, pela organização federal operando a descentralisação economica e administrativa, nada ha a receiar a tal respeito; porque a democracia, que synthetisa e consubstancia as aspirações ardentes da alma collectiva dos povos, extinguindo o egoismo nacional, que produz muitas vezes as horrorosas guerras de fronteiras, prepara a fraternisação dos povos pelos laços da federação, sem alimentar odios nem reavivar precouceitos reaccionarios.

Foi n'este intuito que em 1893 se reuniram em Badajoz os mais illustres representantes da Democracia portugueza e hespanhola, realisando no dia 24 de junho d'esse anno um imponente comicio no Theatro Lopez Ayalla e no dia 25 um entusiastico banquete no Casino Republicano, aos quaes, por signal, assistiu tambem um illustre ornamento da nossa Universidade e insigne propagandista democratico, o sr. dr. Emygdio Garcia.

Ahi se lançaram as bases para a aproximação dos dois povos pela fraternidade que os conduz á federação iberica, como prologo da federação latina. E este é mais um passo no caminho da federação universal, que, como já evangelisou Jesus Christo na antiguidade e alguns philosophos de Alexandria e Athenas, tende a ligar as nações pelos laços da fraternidade, convertendo a humanidade n'uma grandiosa commuidade de irmãos, que se amem com uma solidaria affectividade e concordia, na cooperação do progresso social.

(Continúa)

GONÇALVES CEREJEIRA.

# A QUESTÃO SOCIAL

## O Christianismo e a questão social

### I

Continuemos ainda o quadro sombrio da actual organização da sociedade; evitaremos assim uma fastidiosa repetição d'idéas; precisamos porém deixar bem nitido este quadro para que a verdade salte aos olhos.

Existem na realidade mulheres, homens, creanças que soffrem fome, frio, privações, que soffrem e que morrem, por falta de trabalho sufficiente ou sufficientemente retribuido.

Ha na vida operaria de nossos dias soffrimentos que existem nas proprias condições que lhe ha dado a sociedade actual.

Todos nós havemos lido certamente a historia da pobre vendadora de phosphoros que foi encontrada morta sobre a sua pobre tarimba não tendo senão um trapo com que se cobrisse, completamente entorpecida, convulsionada, com as lagrimas geladas sobre o rosto.

Não se darão estas pungentes tragedias todos os annos?

Todos nós sabemos que vivem em Paris em casas d'um sò aposento 30:000 familias, que contam por vezes 10, 12 e 15 pessoas, e que em Glasgow 126:000 obreiros vivem nas mesmas condições. (2)

A todos aquelles que teem visitado Paris tem sido facil constatar que a miseria ultrapassa, na realidade, tudo quanto imaginar se possa.

Não falleemos do pobre acobertado, ao qual todos dão, proporcionando-lhe assim uma vida mais desafogada.

Querendo nós demonstrar como são reaes e numerosas as privações em Paris, é olharmos, determos um unico instante a nossa vista sobre o estado das habitações onde se refugiam os pobres e seremos obrigados a dizer que ha 27:835 casas habitadas por indigentes, ou sejam 57.%, que não constam senão d'um unico aposento, (3) que familias indigentes n'uma proporção de 5 % se servem da mesma caixa de tabaco; que ha 3:192 habitações, 7 %, que não recebem luz senão sobre um patamar ou corredor.

Só 659 familias recolhidas e ao cuidado das Pequenas irmãs dos pobres gosam d'ar e luz. (4)

Mas para que irmos ao estrangeiro, á França, se em Portugal temos casos evidentissimos. (5) A toda a hora estamos deparando com o horrivel espectro da fome.

Esse trabalho incessante das manufacturas que detem a mulher e a mãe durante o dia, e ás vezes de noite, fóra do lar, e onde não ha virtudes domesticas, torna a vida da familia completamente impossivel.

As alegrias da familia são substituidas pelos prazeres da taberna e os filhos são educados na rua, se o não forem á borda do rio.

Vejam os que é necessario fazer para que a sociedade esteja temperada:

“Que cada um possa obter o pão de cada dia, a segurança do dia seguinte e a vida da familia á custa d’um trabalho sem excesso;” (6) “Se vós sois christãos tendes perante vós um *minimum* a que todos teem direito: E’ a faculdade de poder viver salvando a sua alma. Pois bem! affirmo, depois d’haver pesado este termo perante Deus, que me escuta, que ha taes condições, no estado actual da sociedade, em que isto é impossivel, a menos que se dê um milagre.” (7) A questão resolve-se n’um problema de egualdade e justiça.

COSTA CABRAL.

(2) LACHERET, *Le Christianisme et la Reforme Sociale*, pg. 52.

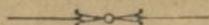
(3) Como vemos a estatistica d’este auctor (LEFEBURE, *Le Devoir Social*, pg. 53 e seg.) e a de Lacheret em pouco divergem; ha uma differença de 2:165 familias, 7,217 % com um erro por excesso.

(4) LEFEBURE, loc. e pg. cit.

(5) Como se podem ler em todos os jornaes, e nomeadamente em *O Seculo*, *Paiz* e etc., e muito mais em o esclarecido jornal *A Marselheza*.

(6) SECRETAN, loc. cit.

(7) BERSIER, *Scrimons*, IV, pg. 19; este escriptor não foi nunca accusado de declamador nem de socialista.



## Respondendo

O *Rebate*, folha que o partido legitimista abortou algures, na Covilhã, parece-nos, e que acaba o seu artigo d’apresentação pelas palavras incomparavelmente suggestivas—*real, real, real pelo snr. D. Miguel segundo, rei de Portugal*—mimoseou-nos com uma patada a que, não sabemos a pedido de que santo,—concedemos a graça d’uma resposta.

Bemavisado andou o sr. Abundio da Silva, alma do referido jornal e auctor do *suelto* n'elle inserto, aconselhando-nos o estudo da Politica e da Instrucção vistas a complexidade e importancia dos assumptos; porém permitta-nos uma pequenina observação:—deve fazer o mesmo, não para discutir comnosco que não estamos dispostos a dar-lhe corda para o sr. ir fazer apanhar alguma indigestão de palha aos seus leitores mais pacientes, nem tão pouco queremos que desperdice as columnas do seu jornal, porventura destinadas a assumptos mais vastos e importantes, porém para ver se o seu espirito se reconcilia com a rasão e escarra a sujidade de tal *ideal* politico.

Olhe que chegamos a duvidar do patriotismo que apregôa n'aquella parte da sua prosa em que pretende provar que os reis portuguezes até á epocha presente não teem sido—ineptos, fracos, esbanjadores, immoraes e mais predicados semelhantes.

Como era pequeno o seu numero foi respigar pela Hespanha para o augmentar!!

Se professassemos as suas ideias preferiamos ser vencidos na discussão do assumpto a irmos pedir emprestado á vizinha nação um rei, aliás bom despota e bom catholicô-romano, para figurar n'um exemplo, claramente limitado a Portugal, dando abraços e *tus* aos poucos reis que, se algum valor tiveram, foi o de odiarem os reis hespanhoes que queriam roubar-nos o que uma nação tem de melhor—a independencia.

Esta parte da resposta dou-lhe assentimento para rasgal-a se fôr partidario da União-Iberica, decerto com D. Miguel 2.<sup>o</sup> por rei.

Nem d'outro modo se comprehenderia o seu legitimismo, salva a existencia d'um *du umvirato* de D. Miguel e D. Carlos, hespanhol, que deveria dar *excellentes* resultados attenta a homogeneidade dos caracteres dos dois pretendentes.

O que D. Miguel jámais lhe perdoará é o não o ter mencionado na serie dos *bons reis* portuguezes.

Fizemos-lhe já notar que não queremos *dar-lhe corda* para não fazer rebentar com palha o estomago d'algum mais paciente dos que lêem o seu jornal ou comem na mangedoira do mesmo *ideal* politico, por isso não começamos no seu Miguel e desfiamos o rosario das tres dynastias portuguezas mostrando o que foram os seus membros.

Não volte a bater-nos á porta que não está pessoa alguma em casa para lhe responder.

CARLOS BORGES.

PARTE LITTERARIA

## SAUDADE

(Se ella fosse viva e visse os filhos  
assim!... a gente do campo)

E o cemiterio alem, com dois cyprestes á porta como dois phantasmas hirtos dentro dos sudarios cõr de fel a mirarem-se ao longe, caminho fóra, despontava o cortejo d'algum que fizesse a jornada do mysterioso envolvido em nuvens tecidas do vapõr das lagrimas.

Uma vegetação enfesada e negra, mirrada como os esqueletos de que se alimentava, trasbordara dos muros cuja cal, cahida aos boccados, pintava sepultuosas escancaradas, coito da Morte, que o mundo da Vida deixava ao abandono para, talvez, incutir mais terrõr aos que lá haviam de cahir um dia a alimentar os reptis repugnantes e immundos e a vegetação selvagem e rachitica que encobria o seu lugubre rastejar.

E, por cima de tudo, aquella cruz negra de braços estendidos. imploradõra secular do perdão da Humanidade.

Sim; mais do que tudo aquella cruz negra e tosca attrahia a attenção da creancita loira, d'olhos ingenuos a confundirem-se com a gaze retinta da abobada, docemente serena n'aquella manhã d'abril.

Elle a chegar quasi á base do oiteiro, de sacho ao hombro como um cavadõr e o seu olhar cada vez mais pregado n'aquella cruz, symbolo de crueldade, martyrio, lagrimas e redempção.

Se estava lá a mãe!!.. debaixo da cruz que marcava a sepultura d'ella!...

Elle vira bem, vira!!.. quando abriram o caixão, alli mesmo ao pé d'elle, á beira hiante da sepultura.

Como elle se lembrava!!

Se sentia ainda nos labios innocentes a frieldade dos beijos que dera nas faces algidas da morta, quando o padre soltou na sua voz sepulchral e monotona as ultimas palavras do *De Profundis!!*

E elle, a quem uma mulhersinha havia levado por julgar que na sua garganta infantil não passaria ainda uma amargura, poz-se a perguntar-lhe para onde ia a mamã assim.

— Para o ceu...

— E póde-se lá ir vê-la?

— Has-de lá ir vê-a filho, has-de...

— E é por aqui que se entra, pois não é?

— E' sim, é...—e duas lagrimas de compaixão e de tristeza rolaram grandes e limpidas como a innocencia pelas faces da bôa mulher, deixando na passagem um sulco de duas brazas.

Depois viu os coveiros encherem a sepultura e espetarem a Cruz. Ennuviou-se-lhe o rosto.

— Hemos de vir cá vê-a, sim?..

— Sim, sim...

— Não chores que vimos vê-a, não... disse o pobre orphão quasi a chorar tambem.

.....  
— O menino aqui!!.. Ora... ora... Então p'ra onde se vae a estas horas de sachinho ás costas e sem companhia?

Estas perguntas fazia-as um velho que mondava umas leiras suas no sopé do cerro.

— Eu vou alem...— disse apontando para o cemiterio.

— Alem!?...olveu o camponez espantado.

— Sim. Quero vêr a mamã.

Uma saudade immensa turbilhonava-lhe nos olhos dilatados e no rosto, cuja alvura sobresahia no seu vestuario de luto, perpassava, negra como aza de morcego, a tristeza.

— Hoje não... hoje não... tornou o velho que comprehendera com lagrimas o que se passava n'aquella pequenina mente.

— Mas eu quero vêr a mamã... quero... se eu não posso andar sem a vêr!... Deixa-me ir... deixa? bradou de joelhos com olhos supplicantes e rastos de lagrimas.

— Mas hoje não... está a porta fechada... Outro dia...

— Amanhã sim? Tenho tantas saudades da mamã!!

.....  
E o velho conseguiu afastar o pequenino para longe do cemiterio que no cimo do oiteiro ostentava, á porta, dois cyprestes hirtos como phantasmas envoltos em fel, onde uma vegetação esguia e sumida trasbordava dos muros cobrindo o rastejar dos reptis e, no meio de tudo, qual raio d'esperança em procella de desenganos, a cruz negra, o symbolo da dôr.

CARLOS BORGES.

